

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

PRÁTICA DE ENSINO:

**“ESTRATÉGIAS PARA FORMAR
NOVOS CIDADÃOS”**

COORDENADORA E ORIENTADORA:

PROF^a ERONIDES CÂMARA DONATO

ALUNA: MARIA GORETTI GUEDES FERNANDES

PERÍODO 97.1

CAMPINA GRANDE, PB

julho - 1997



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Ao meu esposo

Pedro Dantas Fernandes

Aos meus filhos

Ezequiel, Renato, Gregório, Daniel e Marianne

Aos meus pais

José Guedes[†] e Josefa Ribeiro

e

aos meus onze irmãos

dedico

AGRADECIMENTOS

Expresso meus agradecimentos

aos Professores de História:

Eronides Câmara Donato - Orientadora

Socorro Rangel

Fábio Gutemberg

Celso Gestermeier do Nascimento

Sandra Fook

Durval Muniz

Eduardo Henrique

Aluísio F. Moreira

Luciano Mendonça

Gervácio Batista Aranha

Josemir Camilo

Maria Aparecida da Silva

Antonio Clarindo

Dorivaldo Alves Salustiano

e

demais professores dos outros
Departamentos que contribuíram para a minha formação.

Sumário

ITEM	CONTEÚDO	PÁGINA
INTRODUÇÃO	Introdução	1
CAPÍTULO 1º	Planejamento: Identidade do professor	3
CAPÍTULO 2º	“Experiências e Fantasias”	9
CAPÍTULO 3º	“O Todo Confuso”	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Considerações Finais	26
BIBLIOGRAFIA	Bibliografia	28
ANEXOS	Anexos	30
ANEXO 1	Plano de Curso Planos de Unidade Planos de Aula	31
ANEXO 2	Textos	57
ANEXO 3	Exercícios e prova escrita	76
ANEXO 4	Mapas	78
ANEXO 5	Cartazes	79
ANEXO 6	Lista de Presença	80

Introdução

Introdução

Este é um trabalho realizado no final da nossa graduação, através do qual devemos apresentar um pouco do que aprendemos no decorrer do nosso curso, fazendo uma ligação das disciplinas ministradas na licenciatura com a disciplina Prática de Ensino.

O nosso relatório abrange as experiências da Prática de Ensino de 1º e 2º graus. A coordenadora dessa disciplina, Prof^a Eronides Câmara Donato, sugeriu que trabalhássemos levando em consideração uma linha teórica e conceitual, usando um corte temporal e que também deveríamos optar por um tipo de história. Por isso procuramos trabalhar com a História das Mentalidades, uma história cultural.

Dividir o nosso relatório em três capítulos, abrangendo toda a nossa Prática de Ensino de 1º e 2º graus. Primeiramente, fizemos o planejamento, procurando mostrar sua importância e os passos que devemos seguir para conseguir um bom trabalho.

Em seguida, apresentamos as nossas experiências, mostrando como planejamos, coletivamente, os conhecimentos que adquirimos com essa troca de experiências e o modo como vivenciamos em sala de aula.

No terceiro momento, cada estagiária trabalhou uma determinada temática. Optamos por estudar o processo de formação dos conceitos, procurando entender como são formados e como o professor pode ajudar os seus alunos na mediação do ensino-aprendizagem.

A última parte foi reservada para as considerações finais, seguidas dos anexos, bem como dos materiais de apoio utilizados em nossas aulas.

1° Capítulo

Planejamento: Identidade
do Professor

Planejamento: Identidade do Professor

A atividade docente é o exercício profissional do professor e o seu primeiro compromisso é com a sociedade. Ele prepara os seus alunos para se tornarem cidadãos (daí a grande responsabilidade do professor), com a finalidade de atuarem na sociedade, contribuindo assim para a formação cultural e científica do povo.

Segundo Florestan Fernandes:

"se o professor não tiver em si a figura forte do cidadão, acaba se tornando instrumental para qualquer manipulação, seja ela democrática ou totalitária. Todos os regimes manipulam."
(Catarina e Fazenda, 1994: p56)

Para que isso não aconteça, o professor tem uma arma muito eficaz que é o planejamento. Neste capítulo pretende-se mostrar a sua importância.

Um plano de ensino é a apresentação do conjunto de decisões tomadas pelo professor, em se tratando da disciplina que ele vai ministrar. É feito no início do curso, é uma linha de ação que deve ir se adaptando à medida que a interação com o aluno vai ocorrendo.

"O 'planejamento adequado', bem como o seu resultado - 'o bom plano de ensino' - se traduzirá pela ação pedagógica direcionada de forma a se integrar dialeticamente ao concreto do educando, buscando transformá-lo" (Lopes 1996:41)

Por isso, os conteúdos devem ser dinâmicos e articulados com a realidade histórica. À medida em que o professor transmite uma cultura acumulada, está contribuindo para a produção de novos conhecimentos.

Produzir conhecimento significa estar ligado ao processo de reflexão permanente sobre os conteúdos aprendidos, buscando analisá-los sob diferentes pontos de vista. Isto é, procurar desenvolver uma atitude crítica, de investigação da realidade, não aceitando os conhecimentos prontos e acabados dos conteúdos transmitidos pela escola.

O planejamento não pode ser compreendido de maneira mecânica, sem ligação entre a escola e a realidade histórica. Os conteúdos a serem trabalhados, devem estar relacionados com

a experiência de vida dos alunos. E desse modo, ao mesmo tempo que se dá a transmissão de conhecimento, ocorre, também, a sua reelaboração, produzindo novos conhecimentos através de transformação.

O planejamento não assegura, por si só, o andamento do processo de ensino. É necessário que os planos estejam sempre ligados à prática, quando preciso, revistos e refeitos. E desse modo a ação docente vai se enriquecendo na medida que o processo vai acumulando e enriquecendo a experiência ao deparar com ações concretas de ensino. A cada etapa do processo de ensino é necessário que o professor vá registrando no plano de ensino novos conhecimentos e novas experiências, enriquecendo assim seu plano e ganhando mais segurança.

No nosso planejamento, optamos por trabalhar a Prática de Ensino através da nova metodologia de cortes conceituais e temporais. Optamos por trabalhar com a linha foucaultiana, usando conceitos como estratégias, poder e resistência.

Ao fazer o corte temporal, trabalhamos com a história desde 1500 com a chegada dos portugueses aqui na colônia, até 1822 com a Independência do Brasil.

Outro aspecto planejado foi o estudo da história das mentalidades. Tentamos trabalhar com a idéia de que o universo mental da sociedade moderna européia estava relacionado com as experiências históricas no Brasil neste mesmo período.

O planejamento escolar deve levar em consideração o nível de preparo em que os alunos se encontram em relação às tarefas de aprendizagem. Segundo Vygotsky¹, para que o professor estimule a aprendizagem do aluno é preciso que ele descubra, em primeiro lugar, o que o aluno já sabe sobre a temática apresentada, a partir da interação que ele teve com seu meio cultural, antes de chegar munido de conhecimento no colégio e comece a fazer uma ponte com coerência e articulação. Assim, o aluno poderá passar do particular para o geral, com base nos seus próprios conhecimentos e tirando suas próprias conclusões.

A aprendizagem acontece à medida em que o professor sabe conduzir o processo na direção desejada e isso implica a reconstrução do saber, é o que diz Moysés:

"O professor, trabalhando com o aluno explicou, deu informações, questionou, corrigiu o aluno e o fez explicar." (Moysés 1994:26)

¹ Vigotsky - psicólogo que estudou a aprendizagem por compreensão.

Aluno e professor devem andar de mãos dadas, no processo de aprendizagem. Esta acontece quando o aluno é capaz de questionar, de criticar e de tirar suas próprias conclusões.

O professor não pode justificar o fracasso do aluno por falta de base anterior, por seus alunos serem dispersivos, por imaturidade, falta de interesse dos pais ou atribuir a pobreza como causa de mau desempenho. Isso já deve ser previsto no plano de ensino. Ele deve criar as condições, os incentivos e apresentar conteúdos que os alunos achem interessantes e os ajudem a se concentrar no trabalho. Todos os alunos possuem um nível de desenvolvimento potencial cabendo ao professor procurar meios para que o ensino atinja esse nível.

A metodologia utilizada foi aula expositivo-dialogada, onde mostrávamos a ligação da História da Brasil com a História da Europa, tornando as aulas mais interessantes. Nossa intenção era mostrar que a história não podia ser estudada separadamente. Também usamos o método retrospectivo, ou seja, fazendo ligação entre a experiência do presente com a do passado.

Outro ponto que procuramos ter cuidado foi quanto a linguagem, tanto escrita como falada, mais próxima do universo do aluno. Tivemos a preocupação de procurar palavras de fácil vocabulário com o objetivo de melhor compreensão. Outro fator que observamos foi o uso do quadro negro, cuidando do tamanho da letra, caligrafia de fácil compreensão e do conteúdo que estava sendo exposto.

Na formulação dos objetivos, tivemos o cuidado de usar verbos que fossem precisos, tais como: estudar, escrever, identificar, distinguir, enumerar, comparar, escolher (anexo 1 e 2).

Os objetivos contribuem como indicador no processo ensino-aprendizagem que o aluno poderá alcançar ao final do ano letivo.

Num planejamento de ensino existem dois tipos de objetivos: o geral e o específico. O objetivo geral é mais amplo e o corte temporal também será mais amplo. Este objetivo é previsto para ser alcançado durante o ano letivo. O nosso objetivo geral, elaborado para a 1ª série do 2º grau foi o seguinte:

"Analisar a história da Paraíba desde os tempos coloniais até os dias atuais, levando em consideração as estratégias utilizadas pelos colonizadores para a sua ocupação e para implementação das relações de trabalho, compreendendo o processo de resistência, através dos movimentos sociais e analisando sua ideologia. Para compreender o processo de modernização da Paraíba a partir desse século, discutiremos as estratégias culturais implementadas pela modernidade através do estado." (Cf. Plano de Curso em anexo)

Com esse objetivo a nossa intenção era fazer com que o aluno entendesse as estratégias usadas pelos colonizadores para conquistar a Paraíba, como também as estratégias de resistência utilizadas pelos nativos para impedir a invasão dos holandeses.

Os objetivos específicos são os passos, a serem atingidos em curtos espaços de tempo, para se alcançar o objetivo geral no final do curso. O resultado pode ser alcançado em uma unidade ou até mesmo no final de uma aula.

O nosso objetivo específico trabalhando no 1º ano do 2º grau foi o seguinte:

"Discutir a situação da Paraíba no período colonial e as estratégias portuguesas, francesas e holandesas, utilizadas na ocupação." (Conf. Plano de Curso em anexo)

Esse objetivo contribui para os alunos compreenderem que a conquista da Paraíba não se deu de modo tão pacífico, mostrando as estratégias de resistência usadas pelos nativos para impedir a conquista.

Também optamos em trabalhar com um tema gerador e, tudo que fazíamos durante a aula girava em torno dele, sempre procurando despertar no aluno o interesse por esse tema.

A avaliação é um ato que faz parte do nosso cotidiano. Ela também está presente na sala de aula. O Professor faz julgamento que vai desde a identificação da turma (boa, fraca, desordeira...) até os julgamentos individuais. Os alunos, por sua vez, avaliam os seus colegas, como também o professor e isso se dá sob vários aspectos (vai desde a aparência pessoal, até o conhecimento da matéria).

Existem diversas maneiras de avaliação escolar e estas estão ligadas à metodologia utilizada pelo professor. Existem aqueles que estão preocupados só em transmitir conhecimentos, com pouco ou nenhum lugar para discussão e análise crítica do conteúdo. Os alunos, nesse contexto, são mais passivos do que ativos, desse modo, o pensamento do aluno é mais bloqueado do que estimulado. Nesse caso, a avaliação quase sempre aparece em forma de prova, através das quais geralmente é verificada a quantidade de conteúdo, esquecendo a qualidade.

Esse tipo de avaliação se dá de modo autoritário, sem se poder dizer que houve uma verdadeira aprendizagem. Nesse caso, geralmente o aluno decora a matéria, é capaz de reproduzir o que o professor lhe passou.

Segundo Kenski²:

"Avaliação efetiva vai se dar durante o processo, nas relações dinâmicas de sala de aula que orientam as tomadas de decisões frequentes, relacionadas ao tratamento do conteúdo e à melhor forma de compreensão e produção do conhecimento pelo aluno."

(Kenski 1996:139)

Isso só acontece quando professor e aluno estão trabalhando juntos. É necessário o professor estar sempre atento às alterações de comportamento dos alunos, motivando-os a participar das aulas. Os alunos devem ser estimulados a manifestar suas dúvidas, inquietações e incompreensões quanto ao que está sendo aprendido.

É nesse dia a dia, entre professor e aluno, que vai se dar a aprendizagem. Aluno e professor têm condições de se auto-avaliar, de avaliar o conteúdo em questão, como também de procurar verificar como está acontecendo a aprendizagem. Nesse processo, não se deve levar em conta, apenas, o grau de aprendizagem alcançado pelo aluno, mas, também, muitos outros questionamentos. A opção por um ensino transformador, faz com que o aluno desenvolva sua capacidade crítica, sendo necessário que aprenda a criticar o externo como também aprenda a se auto-avaliar.

Avaliação é uma tarefa didática necessária, acompanhando, permanentemente, passo a passo, o processo de ensino e aprendizagem. Com a avaliação permanente, os resultados que vão sendo obtidos, devem ser comparados com os objetivos propostos, com a finalidade de detectar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho com as correções necessárias.

No segundo capítulo serão abordadas as experiências do estágio supervisionado, mostrando um pouco do contato que tivemos com a sala de aula e com os alunos.

² Vani Moreira Kenski: Professora da Universidade de Brasília, doutorada pela UNICAMP.

2º Capítulo

“Experiências e
Fantasias”

"Experiências e Fantasias"

Para realizarmos o nosso estágio supervisionado, foi escolhido a Escola Estadual de Bodocongó "Ademar Veloso da Silveira", onde ministramos aulas no 1º grau, mais precisamente na 5ª série, no turno da tarde. No 2º grau, as aulas foram ministradas no turno da noite, na 1ª série da mesma escola.

Estava consciente de nossa responsabilidade como estagiaria, desejando fazer um bom trabalho³.

A interação entre os alunos da prática foi muito boa, uma vez que nos conhecíamos muito bem, pois a nossa turma já vinha em caminhada desde o começo do Curso. Durante esta caminhada houve confiança e respeito entre nós, uma relação muito aberta, onde as dúvidas eram discutidas por todas as colegas. Sabíamos que esta particularidade contribuiria para superar as nossas dificuldades e para uma boa produção acadêmica.

A responsabilidade do professor é muito grande, uma vez que ele tem um importante papel na formação dos futuros cidadãos. Para isso, é necessário fazer um trabalho com dedicação e qualidade, sendo imprescindível um bom planejamento, elaborado com consciência e flexibilidade.

Para haver uma boa aprendizagem é necessário uma grande interação professor-aluno, isto é, o professor deve ser capaz de despertar nos alunos laços afetivos. Esse professor deve ser capaz, também, de selecionar o conteúdo com carinho, procurando métodos que despertem no aluno o interesse pela aprendizagem.

Para um bom planejamento, o professor deve selecionar o conteúdo da melhor forma possível, levando em consideração as necessidades sociais e culturais dos alunos, bem como, as suas reais condições de trabalho.

O planejamento deve passar por diversas fases, vindo, em primeiro lugar, a definição dos objetivos. Estes contribuem como indicador no processo de ensino, indicando a aprendizagem que o aluno deverá ter no final do curso. Num planejamento de ensino, podem ser utilizados dois tipos de objetivos: o geral e os específicos. No objetivo geral são apresentadas as perspectivas mais abrangentes, a serem trabalhadas com um corte temporal mais amplo, em geral previsto para um ano letivo.

³ Resolvemos que nossa turma planejaria conjuntamente, pois sabemos da importância do planejamento como um recurso do qual o professor pode lançar mão para prever resultados desejáveis, como também pode ser um meio necessário para alcança-los.

A seguir, apresentamos o objetivo geral que elaboramos para a 5ª série do 1º grau:

"Discutir o processo cultural e as relações de poder a partir das estratégias de disciplinarização que os portugueses impuseram aos nativos no Brasil-colônia até a independência".

(Cf. Plano de Curso em anexo)

Com esse objetivo, a nossa intenção era fazer o aluno entender que, quando os portugueses aqui chegaram, encontraram povos com seu modo de viver, sua religião, seus hábitos alimentares e modo de trabalho próprio. E os colonizadores, considerando-se civilizados, acreditavam serem responsáveis para levar o progresso a todos os povos considerados por eles como selvagens. Para isso, utilizaram estratégias de disciplinarização para mudar os costumes e os valores dos nativos.

Os objetivos específicos são os passos para se alcançar, a intervalos curtos de tempo, o objetivo geral previsto para ser alcançado no final do curso. Mostram desempenhos mais visíveis. Podem ser alcançados em uma unidade ou mesmo em uma aula. Vejamos um exemplo do nosso objetivo específico, utilizado na 5ª série do 1º grau:

"Estudar o processo de rompimento cultural através do uso de roupas, da incorporação de uma nova língua, de novos hábitos alimentares, de uma nova forma de trabalho e nossos valores religiosos implementados pelos portugueses".

(Conf. Plano de Curso em anexo)

Este objetivo contribuirá para que os alunos compreendam que os nativos viviam em completa liberdade e, que o "nu" para eles era uma prática cultural sem censura, visto como contrário pelos europeus preconceituosos. Os índios também eram vistos pelos brancos como povos preguiçosos, isto é, o ritmo do desenvolvimento do trabalho do índio era completamente diferente do ritmo do "branco". Os índios, em geral, não trabalham para acumular e sim para sobreviver, ao contrário do "branco". Na mentalidade do colonizador, tais práticas eram consideradas selvagens e, neste sentido, várias estratégias foram utilizadas pelos colonizadores para mudar a filosofia de vida dos silvícolas.

Os índios, também, possuíam a sua religião e esta era diferente da dos portugueses que lhe impuseram a religião dos colonizadores. No universo mental dos europeus colonizadores, a religião católica era considerada a "verdadeira", desprezando as outras experiências religiosas.

No caso de ensino de história, os conteúdos são ricos e múltiplos. O processo de seu conhecimento, possibilita aos alunos desenvolver suas capacidades e, ao mesmo tempo, contribuir para a formação de sua cidadania.

Para selecionarmos o nosso conteúdo, primeiramente, entramos em contato com os professores das turmas onde íamos fazer o estágio supervisionado. Juntos decidimos quais seriam os conteúdos que íamos ministrar, tanto no 1º como no 2º grau, levando em consideração os objetivos.

Em seguida com a orientação da professora Eronides, optamos por trabalhar a prática de ensino que enfoca os cortes conceituais e temporais. Procuramos trabalhar com a linha teórica foucoltiana, usando conceitos como: disciplinarização, poder, resistência e estratégias. Esses conceitos nos permitem analisar a relação colonizador e colonizado, a partir da noção de disciplina, estratégias e poder.

Essa foi uma forma de ministrar as aulas, tornando-as mais interessantes para os alunos e também para nós. Outro motivo que nos fez trabalhar desse modo foi procurar fazer a ponte da teoria que havíamos aprendido no decorrer do nosso curso com a prática de ensino. Logo, percebemos que desse modo os conteúdos tornavam-se mais interessantes (anexo 3), menos cansativos e, de mais fácil compreensão, facilitando também a nossa exposição. Tínhamos a certeza que, trabalhando desse modo, estaríamos contribuindo para uma verdadeira aprendizagem.

Optamos por trabalhar com o corte temporal a partir do "Descobrimento do Brasil" (1500), até a "Independência do Brasil", em 1822, fazendo uma relação com os acontecimentos desse mesmo período na Europa.

Desse modo, estávamos trabalhando com a história das mentalidades, mostrando, por exemplo, aos alunos que as "grandes navegações", aconteceram devido às mudanças de mentalidade que estavam acontecendo na Europa, naquele período. Pois, na Idade Média, os europeus acreditavam que a terra era quadrada e que havia grandes monstros do mar. Também que os reis, eram verdadeiros representantes de Deus aqui na terra. Este, além de conceder poderes aos homens, ainda era responsável pela nação, pelas mudanças, pelos castigos e tudo que ocorresse na natureza e entre os homens.

A Idade Moderna, diferentemente da Idade Média, era um período de transição, também chamado de "idade da razão". Era um período em que o mundo estava passando por grandes transformações, principalmente, no que diz respeito às mentalidades. Nesse momento histórico, o homem é considerado o centro do universo, ou seja, Deus deixou de ser o responsável "por tudo" e agora é o homem. Este é o período das grandes invenções e aperfeiçoamentos, como por exemplo, a bússola, o astrolábio, as caravelas e a imprensa.

Procuramos, portanto, discutir com os alunos que os acontecimentos ocorrendo na colônia, tinham relações com as mudanças de mentalidade que estavam se verificando na Europa.

Segundo Paul Veyne:

"Se digerimos segundo suas articulações internas, as mentalidades tornam-se compreensíveis; se não, ainda podemos explicar com sensibilidade o conteúdo desse pensamento, mas não mais podemos compreendê-lo e repensá-lo; as mentalidades parecem, então, feitas para provar a impossibilidade de penetrar no pensamento de outro tempo ou de outro lugar: a religião romana, a astrologia, a mentalidade primitiva."

(Veyne 1988:79)

Para compreendermos uma mentalidade, precisamos nos esforçar, pois não é possível entendermos com a lógica daquele período e sim procurar entender com o pensamento do nosso tempo. Como afirma Paul Veyne procurar ver no "todo confuso" e procurar torná-lo claro.

Em nossa Prática de Ensino, tentamos, também, ter cuidado na utilização da linguagem, tanto escrita como falada, aproximando-a da do universo do aluno. Tivemos a preocupação de procurar palavras de fácil vocabulário, com o objetivo de melhor compreensão. Outro aspecto que tivemos cuidado foi o uso do quadro-negro, preocupando-nos com o tamanho da letra e que a caligrafia fosse de fácil compreensão. Outra preocupação nossa foi o cuidado de dividir bem o quadro-negro em três partes, destacando a parte do meio. Também tivemos o cuidado de apagar o quadro sempre que terminava a aula.

Ao trabalhar com os conceitos, procuramos partir da realidade do aluno, tentando descobrir que informações ele já possuía sobre aquele conceito. Procuramos levar o aluno a refletir sobre cada assunto, através do levantamento de problemas, de questionamentos, com a finalidade de ser ele capaz de tirar as suas próprias conclusões.

Um exemplo disso foi o trabalho que desenvolvemos com o conceito de "descobrimento" ou "encontro". Procuramos mostrar aos alunos que, quando os portugueses aqui chegaram, encontraram pessoas que já viviam nesta terra, tinham o seu modo próprio de viver, seus costumes, sua cultura, religião, etc. Questionamos os alunos e os fizemos refletir sobre o que aconteceu, se houve mesmo um descobrimento ou um encontro. Também mostramos que, mesmo antes de 1500 (data do descobrimento), portugueses e espanhóis tinham feito o Tratado de Tordesilhas, dividindo as terras por serem descobertas.

Diante desse questionamento, algumas das respostas dos alunos foram:

"Eu acho que os portugueses já sabiam que aquela terra ia dar muitas riquezas, por isso eles quiseram descobrir o Brasil."

"Eu acho que foi um encontro porque os europeus já haviam dividido as terras."

No que diz respeito a avaliação acreditamos ser um ato que está presente no cotidiano de nossas vidas. Segundo Kenski:

"A avaliação desenvolvida durante o processo de ensino-aprendizagem deve estar vinculada a um projeto educativo mais amplo que, na sua elaboração a nível de escola deve contar com a participação dos professores, alunos, demais profissionais da escola, pais ou responsáveis e representantes da comunidade onde a escola está inserida." (Kenski 1996:136)

Na avaliação, fizemos questões que levassem o aluno a refletir, desenvolvendo sua capacidade de pensar, não nos dando respostas que já estivessem prontas.

Procuramos fazer uma avaliação contínua, observando a participação dos alunos em sala de aula, os exercícios, as tarefas, provas etc. (anexos 3 e 4). Procuramos observar quais as suas principais dificuldades e como esclarece-las. Os exercícios eram sobre os assuntos dados em sala de aula. A nossa avaliação tinha como objetivo detectar quais as principais dificuldades dos alunos. Procuramos também avaliar a nós mesmos, tentando saber em que tínhamos falhado. Buscamos coerência com os objetivos que havíamos traçados a alcançar.

Portanto, para uma verdadeira aprendizagem, acreditamos ser necessário um bom planejamento, como também uma boa interação entre professor e aluno. Andando de mãos dadas, nesse processo, o bom desempenho da aprendizagem com certeza vai acontecer e os resultados vão ser os esperados.

No próximo capítulo optamos por trabalhar com conceitos, procurando compreender como acontece a verdadeira aprendizagem.

3° Capítulo

"O todo confuso"

"O Todo Confuso"

Neste capítulo pretendemos estudar como ocorre o processo de formação dos conceitos. Esta temática nos chamou a atenção, devido à necessidade que tem o historiador de trabalhar com conceitos. Os conceitos são as ferramentas do historiador e são tão importantes para ele, como o são para o pedreiro o nível, o esquadro e o prumo, as ferramentas utilizadas por essa categoria profissional. É através das suas ferramentas que o historiador constrói a história. Um outro aspecto que contribuiu para este tema, foi a nossa descoberta sobre como se dá biologicamente o processo de abstração do conceito.

Segundo Piaget é a partir das ações que a criança organiza seus primeiros conceitos. A atividade intelectual não pode ser separada do funcionamento do organismo, ou seja, o processo de abstração da criança está também associado ao desenvolvimento biológico.

Através destes conhecimentos, o professor poderá exercer a função de mediador do processo de aprendizagem. É necessário que o professor tenha consciência que é preciso descobrir o conhecimento já adquirido pelo aluno e procurar articular, de forma coerente, a esse patrimônio, a produção de novos conhecimentos. Dessa forma, estará contribuindo para que o aluno tenha capacidade de passar o conhecimento do geral para o particular ou vice-versa, reconstruindo assim o conhecimento. Só dessa maneira acontece a verdadeira aprendizagem.

No processo de *equilibração*⁴, quatro conceitos básicos precisam ser dominados. São eles, os conceitos de esquema, assimilação, acomodação e *equilibração*. Estes conceitos explicam como ocorre o desenvolvimento cognitivo.

Assimilação é a união de um novo objeto ou idéia a uma idéia ou esquema que a criança já possui.

Segundo Bary:

"Assimilação é o processo cognitivo pelo qual uma pessoa integra um novo dado percentual, motor ou conceitual nos esquemas ou padrões de comportamento já existentes." (Bary 1993:5)

⁴ Processo de *equilibração*: acontece cada vez que a criança se acomoda a um novo problema ou acontecimento.

Acomodação se dá quando a criança tem a disposição de assimilar um novo objeto, a medida que esse objeto altera os esquemas de ação adquiridos com a finalidade de se adequar à nova situação.

É através do crescimento mental que as tensões entre assimilação e acomodação são resolvidas. O crescimento intelectual acontece à medida que a criança se adapta a novas situações.

Cada vez que acontece a acomodação de um novo problema ou acontecimento, paulatim vai aumentando o crescimento intelectual, aproximando-se cada vez mais da maturidade e, desse modo, o esquema do indivíduo fica mais adaptativo. Essa adaptação é conhecida como equilíbrio. Inicialmente, a criança procura entender uma nova experiência lançando mão das idéias e soluções antigas.

A criança adquire o conhecimento no momento em que entra em conflito conceitual entre a realidade elaborada mentalmente e o fato concreto. O indivíduo faz acomodações, modificando os seus esquemas conceituais para se adaptar à realidade, ou seja, ele volta ao estado de equilíbrio.

O educando ao estudar, se for capaz de descobrir os princípios, noções, se tiver capacidade de colocar problemas, pesquisar soluções e analisar dados, com certeza estará formando conceitos e, conseqüentemente, estará acontecendo aprendizagem.

O desenvolvimento mental é o processo de assimilação ou "apropriação" das experiências acumuladas pela humanidade no decorrer da história social.

As crianças ao empregarem os conceitos não fazem de modo lógico, e sim, pelas lembranças de ações, de pessoas e objetos.

Todos os seus conceitos apresentam um caráter sincrético⁵, são conteúdos que elas fazem a partir de representações extraídas dos exemplos concretos.

As palavras para as crianças são rótulos de experiências registradas em sua memória. Muitas vezes, elas representam muitos objetos juntos, isso acontece porque em sua experiência tudo ocorre concomitantemente. Essa é a fase dos conceitos sincréticos. É a fase que a criança junta diversas coisas que são usadas em uma determinada situação. Ex: mesa, toalha, talheres, copos e alimentos (grupo de refeições)

Na adolescência, as classificações já acontecem de modo mais simples. A classificação se dá isolando atributos comuns a um grupo de objetos. Desse modo, a classificação assim formada faz parte de um sistema conceitual que tem uma

⁵ Sincrético: sistema filosófico, que combina o princípio de diversos sistemas: ecletismo.

relação hierárquica de ordem. E, sendo assim, a memória passa a ser um processo de lembrança que se molda a uma estrutura lógica, os dados são armazenados dentro de categorias com um maior grau de abstração e generalização.

Pelos conceitos gráfico-funcionais as crianças agrupam objetos que ao mesmo tempo são usados para determinada coisa. Eles tem como base as experiências das crianças ou as representações (desenho, quadro, figuras).

Na adolescência, as classificações acontecem isolando atributos comuns de um grupo de objetos. As classes assim formadas fazem parte de um sistema conceitual que comporta uma relação hierárquica de ordem. Desse modo, a memória passa a ser um processo de lembrança que se molda a uma estrutura lógica, os dados são armazenados dentro da categoria com um maior grau de abstração e generalização.

O adolescente, mesmo depois de ter aprendido a produzir conceitos, ainda está ligado aos conceitos sincréticos e complexos⁶, continuando por muito tempo no seu pensamento.

O adolescente é capaz de formar e utilizar conceitos muito bem, com habilidade para resolver problemas ou situações muito concretas.

O conceito representa um ato de generalização, tendo como consequência a evolução do significado das palavras. A criança ao aprender uma palavra nova, inicia o desenvolvimento de um conceito (nasce um novo conceito). Essa é a primeira generalização. À medida que vai acontecendo o desenvolvimento intelectual da criança, essa generalização vai dando lugar a outra de maior grau de abstração. E, cada vez mais, o nível de abstração e generalização vai crescendo, aproximando cada vez mais dos conceitos verdadeiros. O pensamento classificatório está ligado às experiências coletivas que são transmitidas pela sociedade aos seus membros através da linguagem. O uso de conceitos abstratos mais gerais, cria no indivíduo um sistema lógico de códigos.

O desenvolvimento é um processo complexo e, para cada indivíduo, o estágio representa um momento no processo de internalização e transformação das várias experiências oferecidas pela sociedade.

Durante o processo de aprendizagem, a criança parte de suas próprias generalizações e significados. Ela raciocina sobre as explicações recebidas e as transforma de acordo com seus esquemas lógicos e conceituais. Ela começa a fazer suas generalizações e abstrações dos conceitos estudados, sendo isso possível com o auxílio do adulto, como também de outras crianças. Esse é o processo de mediação, muito importante para a absorção e transformação dos conteúdos propostos.

⁶ Conceitos complexos: acontecem quando a criança agrupa formas, tamanhos, cores em um mesmo grupo, podendo nele existir objetos diferentes.

O desequilíbrio conceitual se dá quando existem diversos pontos de vista, acontecendo assim a dialética no conhecimento individual e nascendo as funções intelectuais.

A aprendizagem acontece com a interação do adulto com a criança; o professor é uma peça fundamental nesse crescimento, pois com sua habilidade é capaz de desenvolver na criança o processo de formação dos conceitos.

O processo de formação nasce com um movimento do pensamento, alterando do particular para o geral e do geral para o particular.

A maneira como a fala é utilizada na interação social, com adultos e colegas, desempenha um papel importante na formação e organização do pensamento. O pensamento infantil sob influência do adulto, pouco a pouco adquire capacidade de se auto-regular.

O gesto, como também a fala de adultos, são sinais externos que influenciam no comportamento da criança; paulatinamente, acontece uma interiorização progressiva das direções verbais fornecidas à criança pelos adultos.

O processo de internalização é um processo ativo, no qual a criança lança mão do social de uma forma particular. Interiorização e transformação interagem constantemente, de maneira que o sujeito ao mesmo tempo que é capaz de se integrar no social, também é capaz de ter sua posição frente ao mesmo, ser crítico: passa a ser agente transformador.

Por isso, é grande a responsabilidade do educador quanto à aprendizagem da criança, uma vez que sua influência é decisiva no processo de aprendizagem como também, como agente transformador, capaz de influenciar o conhecimento individual e a consciência da criança de si mesma e do mundo.

O processo de formação do pensamento é despertado e associado à vida social, porque criança e adulto estão ligados pela comunicação, permitindo assim a assimilação das experiências de muitas gerações.

É através da linguagem que acontece o desenvolvimento intelectual, porque a criança, em contato com o adulto e outras crianças, aprende a se relacionar com os objetos, constroem formas mais complexas e sofisticadas de conhecer a realidade. Essa interação exige uma troca de experiências, enriquecendo cada vez mais a aprendizagem.

O educando tem capacidade em potencial e, para desenvolver essa capacidade, cabe ao professor investigar e descobrir as informações que o aluno já sabe sobre aquela determinada temática, a partir da interação que ele teve com o meio cultural, anteriormente; cabe ao professor fazer uma ligação e articulação, com coerência, com a finalidade de cada vez mais ampliar os conhecimentos do educando, para que o aluno possa passar do particular para o geral, com base nos seus próprios conhecimentos. Em síntese, não importa somente

que o professor ache interessante e importante o conteúdo, é necessário que o aluno tire suas próprias conclusões.

É através desse conceito, chamado de "zona de desenvolvimento potencial"⁷, que compreendemos funções de desenvolvimento a serem completados posteriormente. Desse modo, podemos observar como as crianças organizam as informações, bem como a maneira como o seu pensamento é processado.

Vygotsky defende que:

"Apenas conhecendo o que as crianças são capazes de realizar com e sem ajuda externa é que se pode planejar as situações de ensino e avaliar as progressões individuais. Portanto, o papel da educação e, conseqüentemente, o da aprendizagem, ganham destaque na teoria de desenvolvimento de Vygotsky, que também mostra que a qualidade das trocas que se dão no plano verbal entre professor e aluno irá influenciar decisivamente na forma como as crianças tornam mais complexo o seu pensamento e processa novas informações". (Vygotsky 1933:54)

O papel do professor é de grande importância no desenvolvimento da aprendizagem, professor e aluno devem andar de mãos dadas. Cabe ao professor investigar quais as informações que o aluno já possui e delas tirar proveito, sendo esse o ponto inicial do processo de aprendizagem; a partir daí o professor procura ampliar esses conhecimentos. Ele deve motivar o aluno através de questionamentos, levantar dúvidas, levantar problemas e dirigir o processo, para que o aluno tire suas próprias conclusões. Quando isso acontecer, o aluno será capaz de formular conceitos, obtendo uma verdadeira aprendizagem.

Outro fator que merece destaque é o trabalho de grupo; as crianças, em contato com outros colegas, trocam conhecimentos, enriquecendo suas experiências e, em conjunto, participam do processo de formação de conceitos e de uma nova aprendizagem. Segundo Vygotsky, a construção do real acontece do social para o individual, por isso, é de grande importância o contato com a experiência de outras pessoas.

Desenvolvimento e aprendizagem caminham juntos, portanto, quanto mais aprendizagem mais desenvolvimento.

Na disciplina história, o processo de formação dos conceitos é, também, de grande importância, à medida que o historiador questiona, coloca problemas, desperta uma atitude crítica na criança. A verdadeira aprendizagem acontece quando a criança é capaz de formar suas próprias conclusões.

⁷ Zona de desenvolvimento potencial: a criança tem potencial e cabe ao professor alargar a aprendizagem do aluno.

Não existe uma distância entre história e ciência, o historiador lança mão da ciência de maneira limitada. A história não é apenas ciência, ela vai mais além, procurando explicar aquilo que a ciência não consegue. Ou melhor, no "o todo confuso" ela procura torná-lo claro e transparente.

Trabalhar com conceitos é trabalhar com história do futuro, é estar atualizado na história. A história, de certa maneira, está mais próxima da filosofia do que da ciência.

O bom historiador interessa-se por tudo que acontece, não cabe a ele retalhar acontecimentos, ao contrário, ele deve lançar mão das ciências e delas tirar proveito, procurando entender tudo o que se passa. O historiador chega a ter nas mãos diversos retalhos, cabendo-lhe unir esses retalhos e construir sua colcha.

Paul Veyne defende que:

"A história não se reduz às diferentes ciências. (...) Não existe uma ciência da história, uma chave do devir, um motor da história. (...) Nessa rede de interação que é a história, o motor estará em todas as partes onde queiramos localizá-lo (...) não existe motor da história, mas somente variáveis estratégicas que não são as mesmas de uma conjuntura a outra; a história, a que fazemos e a que escrevemos, não é então negócio de ciência, mas de prudência." (Veyne 1988:67)

A história, mesmo não sendo científica, deve ser bem elaborada, não podendo ser uma história improvisada. Compreender um acontecimento é uma tarefa difícil, visto que as sociedades não são transparentes, nem para elas mesmas. Para estudar as sociedades é necessário procurar entender e trabalhar a história em profundidade.

O século XX é considerado o século da história, pois a partir daí ela foi sendo trabalhada através de conceitos. A história, até então, era vista como ciência, explicada simplesmente pelos fatos: uma história narrativa. A história atual procura explicar o acontecido através dos conceitos, ou seja, a história não factual. O historiador, a partir desse momento, precisou ir além da narração, procurando analisar os fatos, pois as atividades intelectuais ligadas a conceituação são em maior quantidade que a científica. O historiador ao analisar, criticar e dar explicações está formando conceitos. São estes conceitos que tornam diferentes o trabalho do historiador.

A história não factual, procura incentivar a conceituação. Ela não deixa de lado a história factual, ao contrário, lança mão dessa história procurando analisar, criticar, questionar, vai mais além dos fatos, procurando trabalhar novas questões nos documentos.

Para que se tenha uma operação intelectual é necessário formar conceitos ou formular equações. Num trabalho historiográfico, não se pode deixar de lado a conceituação, caso contrário, a sua ausência é sentida. Resta ao historiador trabalhar novas questões nos documentos.

Segundo Paul Veyne: "História é explicação". Isso é possível sentir, ao trabalhar com mentalidades. É necessário encontrar palavras, inventar esquemas e categorias, é necessário entender como é construída uma mentalidade em geral. É preciso analisá-la, ou melhor, procurar entender o "todo confuso". Caso todas as essências fossem claras, se não existisse "o todo confuso", se nada restasse a descobrir, o papel do historiador seria de contar a história imediatamente compreensível e, sendo assim, o conceito, seria apenas uma definição. A história, ao contrário, é feita de análise.

É através da elaboração e da crítica dos conceitos que o historiador, paulatinamente, vai analisando o mundo histórico. Mas existe um inimigo comum, que é o estado da documentação. É importante não deixar acontecer uma acomodação dos conceitos que já estão prontos, uma vez que esses conceitos prontos podem resultar em desigualdades chocantes. É através da história conceitual que o historiador é capaz de explicar o progresso, desde a antiguidade..

Com a conceituação se desenvolve o processo intelectual, sendo ele de grande importância para a história, como nos afirma Paul Veyne:

"Quando o interesse pelas coisas humanas torna-se dessa forma, totalmente intelectual, não sendo mais "relações com valores" e história no sentido de Weber, mas "razão de conhecer" e 'sociologia', podemos ser levados a vincular um interesse extremo a setores cuja importância vital ou nacional é bastante fraca, mas que são reveladores da profundidade humana. A conceituação faz passar da história ao conhecimento da energia da história e da natureza humana".

(Veyne 1988:81)

O conceito é de grande importância para a história, que deixa de ser factual e procura ser mais crítica, capaz de se deixar analisar. O ponto alto da história é detectar as diferenças existentes nas coletividades sendo isso feito com o uso dos conceitos.

Com base nessa fundamentação, procuramos trabalhar diversos conceitos em sala de aula, com a preocupação, também, de saber como eram eles assimilados pelos educandos. Eis um pouco dessa experiência em sala de aula:

Descobrimento ou encontro: existe uma polêmica, entre alguns historiadores, se a chegada dos portugueses aqui no "Brasil" foi um descobrimento ou um encontro.

Aqueles que defendem ter sido um encontro, mostram que antes dos portugueses chegarem nessas terras, elas já eram habitadas pelos nativos e, portanto, essa não era uma terra desconhecida e sem donos. Quando os europeus aqui chegaram, já havia comunidades com sua cultura própria (costumes, valores, religião, alimentação e vestuário). Portanto, a presença dos portugueses foi uma ocupação, uma invasão.

Os que defendem que o Brasil foi descoberto pelos portugueses explicam mostrando que essas terras eram desconhecidas dos europeus (1500) e que a idéia de posse e propriedade, não tem o mesmo sentido entre portugueses e índios.

Índios: eram pessoas que aqui viviam, com seu modo de vida particular, organizados em comunidades, com hábitos alimentares, religião e vestuário próprio. Eram nômades. O conceito de índio foi dado pelos portugueses que ao aportarem aqui, acreditaram ter chegado às Índias, sendo, portanto, um conceito errado, não dos índios e sim dos portugueses.

Civilizados: assim se consideravam os portugueses, pessoas superiores capazes de levar o progresso para todo o mundo. É uma concepção europocêntrica, um jeito de justificar a dominação. Acreditavam que eram os donos da verdade e capazes de levar a civilização a todos os povos.

Bárbaros: assim era vistos os nativos, pelos portugueses. Os nativos só matavam algum animal ou cortava alguma árvore se fosse necessário, viviam em completa harmonia com a natureza. Bárbaro foi o conceito usado pelos portugueses, com objetivo de justificar a dominação, "sendo necessário" trazer a civilização para essas pessoas, muitas vezes comparadas com animais, mentalidade de todos os europeus.

Poder: muitas vezes os portugueses mostravam o seu poder, através de estratégias como presentear os índios com objetos (espelho, tecidos, colares, enxadas, etc). Essa estratégia de poder tinha como objetivo ganhar a confiança dos nativos, bem como, mudar os seus costumes. O tecido usado como presente levava os nativos a mudar os seus hábitos e começarem a se vestir. Já a enxada motivava o nativo ao trabalho. Desse modo, os europeus iniciavam a dominação, usavam o seu poder, começando com a entrega de presentes e chegando ao uso da arma de fogo.

No final das aulas, fizemos alguns exercícios de fixação, tanto na 5ª série do 1º grau, como também na 1ª série do 2º grau. Nossa preocupação era perceber como os alunos tinham compreendido o assunto.

Exemplo de como eles trabalharam os conceitos:

Pergunta: Na sua opinião, os portugueses "descobriram" ou "encontraram" o Brasil?

Respostas:

1. "Descobriram o Brasil. O Brasil foi descoberto a partir do momento em que os portugueses estavam passando pelo Brasil sem perceber em 1500".

2. "Encontraram, porque os europeus dividiram as terras".

3. "Eu acho que os portugueses já sabiam que a terra, ia dá muitas riquezas, por isso eles quiseram descobrir o Brasil".

A primeira resposta mostra a resistência que o aluno tem a esse novo modo de ver a história, de analisar os fatos. Foi uma resposta mecânica, fácil de entender, pois é esta a história que o aluno está acostumado a ouvir. Uma história que se resume a estímulo e resposta. É a história contada pela maioria dos livros didáticos e trabalhada pelos professores nas escolas, sem se preocupar com uma verdadeira aprendizagem.

Na segunda resposta o aluno foi capaz de analisar os fatos. Foi uma resposta muito objetiva, mas nas entrelinhas dá para se perceber que ele estava falando do Tratado de Tordesilhas, pois, se mesmo antes do "descobrimento" os portugueses já brigavam com os espanhóis pelas terras que viessem posteriormente a ser descobertas, mostra que eles já desconfiavam que existiam terras nas Américas.

Na terceira resposta, o aluno partiu do princípio de que os portugueses já sabiam que a terra tinha muitas riquezas. Por isso, eles queriam descobrir o Brasil. Nessa resposta está embutida a noção de "encontro". Essa foi uma resposta que o aluno procurava compreender, analisar o que realmente havia acontecido.

Outra pergunta feita aos alunos foi a seguinte:

Explique: Por que os portugueses viram os nativos como povos não "civilizados"?

Respostas:

1. "Eu acho que os portugueses acharam muita vergonha porque os povos índios estavam sem roupas e seus costumes eram muito diferentes".

2. "Porque eles queriam que os povos tivessem a mesma lei que eles".

3. "Porque eles não tinham roupas".

4. "Isso porque, aqui chegando eles encontraram comunidades que viviam diferentemente deles com seu modo de viver, com sua religião, seus hábitos alimentares e o seu modo".

Através destas respostas dá para imaginar como os alunos são capazes de compreender os conceitos e o seu nível de abstração. Cabe ao professor orientá-los. Percebemos que

houve uma aprendizagem, pois eles foram capazes de tirar suas próprias conclusões.

Já no segundo grau usamos conceitos como estratégias, resistência, alianças.

Pedimos aos alunos da 1ª série do 2º grau para construir um pequeno texto a partir das palavras estratégicas de resistência.

O resultado foi o seguinte:

"Com a notícia da chegada dos holandeses a cidade de Felipéia, os povos que aqui viviam usaram estratégias de resistência, ou seja, Antônio de Albuquerque Maranhão usou a guerrilha, como também fez alianças com índios, os moradores saquearam armazéns, colocaram fogo nas lavouras, fugiram para o interior levando tudo que podiam"(...)'

(C.f. exercício de fixação em anexo).

Com essa resposta o aluno mostra o seu nível de abstração, como realmente entendeu o assunto. Esta não foi a única resposta desse nível, pois a maioria respondeu satisfatoriamente, mostrando realmente o que foi aprendido, como se pode ver no anexo 3.

Considerações finais

Considerações Finais.

A finalidade deste trabalho foi mostrar um pouco de nossa experiência no estágio supervisionado.

Estudando o processo de ensino, ficou bem claro que, para uma boa aprendizagem, é necessário haver uma grande interação entre professor e aluno, e que o professor procure desenvolver os conceitos a partir da vivência dos educandos, levando em consideração o seu meio social e os conhecimentos já adquiridos. Agindo assim, o professor pode levar o estudante a interiorizar seus conhecimentos, com grande possibilidade de ser alcançada uma verdadeira aprendizagem.

O professor deve procurar despertar no aluno uma atitude crítica, ajudá-lo a desenvolver uma linha de raciocínio através de questionamentos, explicações e apresentações de problemas. Tudo isso só é possível quando o professor faz um bom planejamento.

Desse modo, a formação adquirida na academia, poderá ser usada pelo professor, com a finalidade de formar jovens capazes de verem o mundo de uma maneira crítica, sabendo tomar suas próprias decisões.

Em nosso Estágio Supervisionado, nos primeiros contatos com a Escola, os professores da disciplina nos disseram que os alunos tinham um nível muito baixo, eram desinteressados e não estavam preocupados com a aprendizagem.

A nossa experiência com aqueles alunos foi diferente das informações recebidas. Percebemos que os professores não faziam planejamentos, tornando as aulas pouco produtivas.

As alunos, em geral, eram jovens carentes, com disposição para aprender. Verificamos que, com a metodologia empregada, conseguimos motiva-los, em sua grande maioria, sendo comum a abordagem extra, após as aulas, em busca de orientações e sugestões.

Vale a pena ressaltar: o objetivo maior do professor de história é formar cidadãos conscientes de seus deveres e direitos.

Bibliografia

BIBLIOGRAFIA

- CADERNO DE HISTÓRIA. Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História Vol I n° 1 Uberlandia - 1990.
- "CARBONO PARA O PLANEJAMENTO" - in Magistério e Mediocridade.
- CIPRIANO, C. Lucchesi: Avaliação da Aprendizagem Escolar Editora Cortez. São Paulo 1995.
- CÓRIO, Sabino: As Teorias do Desenvolvimento Cognitivo e seus Reflexos na Prática Pedagógica - Parte II, IV: Psicologia do Desenvolvimento, editora Ática São Paulo, 1993.
- CUNHA, Maria Isabel: A Relação Professor - Aluno in Repensando a Didática SP, Papirus, 1996, 11ª edição.
- LIBÂNIO, José Carlos: Didático, Cortez editora, 9ª reimpressão, São Paulo, 1994.
- MOYSÉS, Lucia M.: O Desafio de Saber Ensinar Campinas, SP: Papirus; Niterói; RJ. Editora Da Universidade Federal Fluminense 1994.
- NORA, Pierre e Le Goff, Jacques A História Conceitual in História: Novos problemas, 3ª edição, Livraria Francisco Alves, Editora S.A. 1988.
- PISANI, Elaine Maria e Outros. Psicologia Geral Porto Alegre: Vozes 1990.
- TERRA, Clódia Ma Godoy (org) Planejamento de ensino e avaliação. Porto Alegre, Ed. da Puc/RS. co-edição Ed. Emma, 1975, 6ª edição.
- TERZI, Sylvia Bueno. Ruptura e Retomada na Comunicação: O Processo de Construção de Leitura por Crianças de Periferia Campinas: Unicamp, 1992 (Tese de Doutorado).
- WADSWORTH, Barry J. Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria De Piaget. Tradução de Esmeria Rovai. 2ª Edição, São Paulo: Pioneira, 1993.

Anexos

Anexo 1

Planos de Curso
Planos de Unidades
Planos de Aulas

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 1ª Turma: "C" Turno: Noite

PLANO DE CURSO

OBJETIVO GERAL

Analisar a história da Paraíba desde os tempos coloniais até os dias atuais, levando em consideração as estratégias utilizadas pelos colonizadores para a sua ocupação e para implementação das relações de trabalho, compreendendo o processo de resistência, através dos movimentos sociais e analisando sua ideologia. Para compreender o processo de modernização da Paraíba a partir desse século, discutiremos as estratégias culturais implementadas pela modernidade através do estado.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir a situação da Paraíba no período colonial, e as estratégias portuguesas, francesas e holandesas, utilizadas na ocupação e conquista.

- Trabalhar a importância da cultura negra na Paraíba no período colonial e as estratégias usadas pelos senhores de engenho em utilizar os negros como força de trabalho na economia.

- Identificar os movimentos sociais na Paraíba e sua contribuição cultural, levando em consideração suas ideologias e as relações de poder.

- Compreender o processo de modernidade da Paraíba tendo como referência as experiências da cidade de Campina Grande.

CONTEÚDO

Unidade I - Situação da Paraíba no período colonial e suas contribuições culturais.

- Estratégias utilizadas pelos portugueses para conquistar a Paraíba.
- Os franceses na Paraíba e sua aliança com os nativos, início do desmatamento de nossas terras com finalidade lucrativa.
- Estratégias utilizadas pelos holandeses para a ocupação da Paraíba.
- Maurício de Nassau e suas estratégias de tolerância religiosa e política para a consolidação do seu poder.

Unidade II - A importância da força de trabalho do negro e suas contribuições para a cultura.

- Estratégias utilizadas pelos negros como meio de resistência ao trabalho.
- Estratégias e disciplinarização utilizadas pelos senhores de engenho para controlar a mão-de-obra negra.
- Lei Áurea: mudanças ou continuidade.

Unidade III - Os movimentos sociais e suas contribuições para a cultura paraibana.

- Ronco da Abelha: estratégias usadas pelo povo como meio de resistência às novas estratégias modernizantes do governo.
- Movimento Quebra-quilos e sua resistência ao processo de modernização capitalista.
- O Cangaço: suas estratégias de resistência, contribuindo para o enriquecimento de nossa cultura
- Ligas camponesas: movimento camponês na Paraíba e suas contribuições para o movimento dos sem-terras.

Unidade IV - O processo de modernização na Paraíba e sua intervenção em nossa cultura.

- Os Tropeiros: veículo de comunicação e suas contribuições no processo cultural.

- Chegada do trem: influências na economia de Campina Grande.
- O Cinema: influenciando nas mudanças de mentalidade e costume.
- A Feira: o despertar para o processo de higienização da cidade, como estratégia da modernidade.

METODOLOGIA

As aulas ministradas serão expositivas e dialogadas com utilização de mapas, cartazes e textos mimeografados que serão entregues e trabalhados em sala de aula.

Avaliação

A avaliação será contínua, levando em consideração a participação dos alunos e, também, serão construídos textos a partir de assuntos dados em sala de aula e de palavras chaves.

Bibliografia

- AVED, B. A Vitória dos vencidos - Partido Comunista Brasileiro e as ligas camponesas, 1955-1964. Santa Catarina: Ed. UFSC, 1986.
- DÓRIA, C.A. O Cangaço. 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- MONTEIRO, H. "O Nordeste Brasileiro entre 1850 e 1889". IN: Crise agrária e luta de classes. Brasília: Ed. Horizonte, 1980.
- PEREIRA, Auricélia. " O Rei do Cangaço e os Vários Lampiões". Mimeo, 1996.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 1º Turma: "C" Turno: Noite

PLANO DE UNIDADES

UNIDADE I

Carga Horária: 60 horas/aulas.

Tema: Os Holandeses na Paraíba.

Título: Os Holandeses e suas estratégias na ocupação da Paraíba.

• Objetivos Específicos

- Mostrar as estratégias dos europeus (Portugueses, Franceses e Holandeses) para controlar a força de trabalho indígena na retirada do pau-brasil.

- Analisar o papel dos nativos quanto a ocupação e conquista do território paraibano e suas estratégias como forma de aliança e resistência com os conquistadores.

- Discutir a participação dos nativos e conquistadores quanto à incorporação dos valores culturais da Paraíba no período colonial.

• Conteúdo

- Ocupação do espaço na capitania da Paraíba: estratégias dos europeus.

- Estratégias dos nativos: alianças, desconfiança e resistência.

- Europeus e nativos: incorporação recíproca de valores culturais.

- **Metodologia**

As aulas serão expositivas e dialogadas com utilização de mapas, gravuras e textos mimeografados a serem entregues aos alunos.

- **Avaliação**

Avaliação será feita através da participação dos alunos e na elaboração de um texto a partir de um assunto exposto.

- **Bibliografia**

MELO, José Octávio de A. e RODRIGUES, Gonzaga; Paraíba Conquista Patrimônio e Povo, Edições: Grafset, 2ª Edição, João Pessoa. Pb, 1993.

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso: Pequena História da Paraíba; Editora Universitária, UFPB, João Pessoa, 1980.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 1º Turma: "C" Turno: Noite

PRIMEIRA AULA - Carga horária: 50 minutos

Tema: Ocupação e conquista do território paraibano.

Título: Estratégias e alianças holandesas para conquistar a Paraíba.

PLANO DE AULA

• **Objetivo específico**

- Identificar o processo de ocupação da capitania da Paraíba e as estratégias usadas pelos europeus.
- Pontuar as estratégias e alianças dos holandeses, dos portugueses e dos nativos na busca de estabilidade social.

• **Conteúdos**

- Processo de ocupação: estratégias utilizadas pelos europeus.
- Alianças: Entre holandeses, portugueses e nativos e, a imposição dos seus valores culturais.

• **Metodologia**

A metodologia empregada será aula expositiva-dialogada com a utilização de cartazes e textos mimeografados.

- **Avaliação**

A avaliação será feita pela participação e interesse dos alunos em sala de aula e através de palavras chaves, fazer uma retrospectiva da aula dada.

- **Bibliografia**

ALMEIDA, Horácio. História da Paraíba. Editora Universitária. UFPB, João Pessoa, 1978. Volume I.

GOMES, Marcio Pereira. Os índios e o Brasil. Editora Vozes, 2ª Edição, Petropolis. RJ, 1991.

MELO, José Octávio de A. e Rodrigues, Gonzaga. Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo. Editora Grafset, 2ª Edição, João Pessoa, 1993.

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. Pequena História da Paraíba. Editora Universitária. UFPB. João Pessoa, 1980.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 1° Turma: "C" Turno: Noite

SEGUNDA AULA - Carga horária: 50 minutos

Tema: Consolidação da conquista da Paraíba pelos holandeses.

Título: Estratégias utilizadas para consolidar a conquista holandesa.

PLANO DE AULA

• **Objetivos específicos**

Compreender as estratégias de alianças, desconfianças e resistência dos nativos no período da dominação holandesa.

• **Conteúdos**

- Alianças políticas, econômicas e culturais usadas como estratégias:
 - Holandeses e Calabar.
 - Holandeses e índios Potiguaras.
 - Holandeses e Judeus.
- Desconfianças e medo:
 - Medo de perder suas terras.
 - De serem escravizados.
 - De serem destribalizados.
 - De perder sua identidade.
- Estratégias de resistência dos nativos:
 - As fugas.
 - Os saques.
 - O uso de fogo.
 - A submissão: aliados ou escravos
 - A preservação da autonomia tribal: meios violentos.

- **Metodologia**

Metodologicamente, pretende-se utilizar mapas, textos mimeografados, através da aula expositiva-dialogada com o uso do quadro para giz e giz.

- **Avaliação**

A avaliação será feita pela participação, interesse e esforço dos alunos demonstrados na sala de aula e, através da construção de um pequeno texto, a partir das palavras estratégias de resistências.

- **Bibliografia:**

ALMEIDA, Horácio. História da Paraíba. Editora Universitária. UFPB, João Pessoa, 1978. Volume I.

GOMES, Marcio Pereira. Os Índios e o Brasil. Editora Vozes, 2ª Edição, Petropolis. RJ, 1991.

MELO, José Octávio de A. e Rodrigues, Gonzaga. Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo. Editora Grafset, 2ª Edição, João Pessoa, 1993.

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. Pequena História da Paraíba. Editora Universitária. UFPB. João Pessoa, 1980.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 1ª Turma: "C" Turno: Noite

TERCEIRA AULA - Carga horária: 50 minutos

Tema: A chegada dos holandeses na Paraíba

Título: Incorporação e troca de valores culturais na colonização da Paraíba.

PLANO DE AULA

• **Objetivo Específico**

Identificar as principais contribuições deixadas pelos holandeses para o enriquecimento da nossa cultura.

• **Conteúdo**

- O conhecimento da terra: delimitação de área para a agricultura e a criação.
- A liberdade religiosa: estratégias dos holandeses.
- A participação política: com a representação dos proprietários na câmara municipal.
- O trabalho escravo: introdução do "dia do descanso" para os escravos, como estratégia de manutenção do trabalho compulsório.

• **Metodologia**

A metodologia empregada será aula expositivo-dialogada com o uso de texto, do quadro para giz e giz.

- **Avaliação**

Os alunos serão avaliados através da construção de um pequeno texto, onde deve aparecer as principais contribuições culturais deixadas pelos holandeses.

- **Bibliografia**

ALMEIDA, Horácio. História da Paraíba. Editora Universitária. UFPB, João Pessoa, 1978. Volume I.

GOMES, Marcio Pereira. Os Índios e o Brasil. Editora Vozes, 2ª edição, Petropolis, RJ, 1991.

MELO, José Octávio de A. e RODRIGUES, Gonzaga. Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo. Editora Grafset, 2ª edição, João Pessoa, 1993.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H" Turno: Tarde

PRIMEIRA AULA - Carga horária: 50 minutos

PLANO DE CURSO

Objetivo Geral

Discutir o processo cultural e as relações de poder a partir das estratégias de disciplinarização que os portugueses impuseram aos nativos no Brasil colonial até a independência.

I Unidade

Objetivos Específicos

- Discutir a chegada dos europeus procurando perceber as estratégias de disciplinarização usadas por eles no primeiro contato com os nativos.

- Estudar o processo de rompimento cultural através do uso de roupas, de incorporação de uma nova língua, de hábitos alimentares, de uma nova forma de trabalho e novos valores religiosos implementados pelos portugueses.

Conteúdos

1. O primeiro contato: Choque de cultura
2. Imposição a comunidade indígena de uma cultura ocidental a partir de uma visão europocêntrica.

II Unidade

Objetivo específico

Discutir o modelo implementado pelos portugueses no Brasil-colônia, a partir das estratégias administrativas, políticas e de trabalho.

Conteúdos

1. Pau-brasil: início da destruição de nossas florestas.
2. Nova fonte de riqueza: a cana-de-açúcar.
3. Incorporação do trabalho escravo.
4. Expansão sertaneja: tentativa de mudança da cultura indígena.

III Unidade**Objetivo específico**

Discutir sobre as formas de resistência ocorridas no Brasil colônia, refletindo sobre a mudança de mentalidade que influenciou essas lutas.

Conteúdos

1. Movimentos de resistência contra a condição de colônia.
2. As novas idéias de libertação que fez germinar as lutas pela independência do Brasil.

IV Unidade**Objetivo específico**

Discutir o processo de construção da nação Brasileira e suas estratégias para sua legitimação.

Conteúdos

1. Identidade nacional: valorização da cultura indígena e sertaneja.
2. Construção de símbolos para a consolidação da identidade nacional.

Metodologia

Através de uma proposta teórico-metodológica de se trabalhar uma nova visão histórica, tendo como eixo uma perspectiva cultural, serão expostos os conteúdos enfatizando os conceitos de disciplinarização e estratégias.

Metodologicamente, pretende-se utilizar mapas, gravuras e textos mimeografados, através de aulas expositivas dialogadas, levando em consideração a realidade dos alunos.

Avaliação

A avaliação será contínua, através de exercícios mimeografados, colagens e pinturas.

BIBLIOGRAFIA (No final dos Planos de Aulas)

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H" Turno: Tarde

PLANO DE UNIDADES

Objetivo geral

Discutir o processo cultural e as relações de poder a partir das estratégias de disciplinarização que os portugueses impuseram aos nativos, do Brasil-colônia até a independência.

I Unidade

Objetivos específicos

1. Analisar a chegada dos europeus, discutindo as especificidades culturais dos portugueses e dos nativos a partir do encontro destas culturas.

2. Discutir a cultura indígena e suas especificidades: vestuário, alimentação, religião e trabalho.

Conteúdo

- O primeiro contato: choque de culturas.

Objetivos específicos

1. Estudar as estratégias utilizadas pelos portugueses para impor uma mudança cultural, como por exemplo, imposição de uma nova religião, novo ritmo de trabalho, mudança no vestuário e na alimentação.

2. Analisar o intercâmbio cultural ocorrido na relação dos europeus com os nativos.

Conteúdo

Imposição à comunidade indígena de uma cultura ocidental, a partir de uma visão europocêntrica.

Avaliação

Avaliação contínua, através de exercícios mimeografados e pintura.

II Unidade**Objetivo específico**

Analisar o processo de destruição das riquezas brasileiras, refletindo-se sobre as estratégias utilizadas para a retirada do pau-brasil.

Conteúdo

- Pau-brasil: início da destruição de nossas florestas.

Objetivo específico

- Analisar a importância da implantação do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil-colônia e suas repercussões para a cultura brasileira.

Conteúdo

- Nova fonte de riqueza: a cana-de-açúcar

Objetivo específico

- Discutir a necessidade de novos trabalhadores para o cultivo da cana-de-açúcar e suas influências na cultura brasileira.

Conteúdo

- Incorporação do trabalho escravo.

Objetivo específico

- Analisar o processo de expansão sertaneja, discutindo uma nova disciplinarização do trabalho indígena.

Conteúdo

- Expansão sertaneja: tentativas de mudança da cultura indígena.

Metodologia

Partindo de nossa proposta teórico-metodológica citada em nosso plano de curso, serão trabalhados os conteúdos da segunda unidade utilizando mapas, gravuras e textos mimeografados.

Avaliação

Avaliação contínua, através de exercícios mimeografados e colagem.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H" Turno: Noite

Carga Horária: 50 Min

Tema: Os portugueses no Brasil

Título: A visão do outro

PLANO DE AULA

Objetivo específico

Mostrar o conceito de "descobrimento" como uma elaboração do pensamento ocidental, refletindo as influências dessa forma de pensar.

Conteúdos

- Mentalidade dos europeus sobre a "nova terra"
- O discurso ocidental sobre o "descobrimento"
- Habitantes da "nova terra"

Metodologia:

Aula expositivo-dialogada, utilizando texto mimeografado, mapas e gravuras.

Avaliação:

Avaliação contínua através da formulação de frases a partir da palavra descobrimento.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H"

Carga Horária: 50 Min

Tema: Os portugueses no Brasil

Título: Contrastes culturais

PLANO DE AULA

Objetivo específico:

Discutir as especificidades culturais dos portugueses e dos índios, refletindo o choque entre elas.

Conteúdos:

- A cultura indígena: singularidade e liberdade
- A cultura portuguesa: Europocêntrica e moralista.
- O encontro das culturas: medo, preconceito e surpresa.

Metodologia:

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada, utilizando mapas e textos mimeografados.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela participação em sala de aula e produção de um pequeno texto sobre as diferenças culturais entre índios e portugueses.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H"

Carga Horária: 50 Min

Tema: Os portugueses no Brasil

Título: Costumes indígenas

PLANO DE AULA

Objetivo específico:

Estudar as formas de estratégias utilizadas pelos portugueses para a mudança do vestuário e alimentação dos indígenas.

Conteúdo:

- Incorporação de novos valores aos costumes indígenas: vestuário e alimentação.

Metodologia:

A metodologia será de aula expositivo-dialogada com roteiro de aula, texto, figuras, além da utilização de quadro a giz. O método empregado será o retrospectivo.

Avaliação:

Pedir que os alunos escrevam uma ou mais frases estabelecendo as diferenças entre os índios da colônia e os atuais.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H"

Carga Horária: 50 Min

Tema: A chegada dos portugueses

Título: A influência dos jesuítas na educação colonial.

PLANO DE AULA

Objetivo específico:

Perceber as estratégias utilizadas pelos jesuítas no processo de disciplinarização através das práticas religiosas.

Conteúdos:

- A religião como a filosofia da verdade da salvação: destruição das crenças e costumes indígenas.

- Papel dos jesuítas em catequizar e assegurar o poder Português na colônia.

Metodologia:

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada, utilizando gravuras, texto mimeografado, quadro para giz, giz e estrofes de texto para uma discussão sobre a destruição das crenças e costumes e o papel dos jesuítas na colônia.

Avaliação:

Avaliação contínua, pedindo aos alunos para desenharem ou escreverem o que entenderam sobre a aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H"

Carga Horária: 50 Min

Tema: A chegada dos portugueses

Título: Introdução da cultura européia na colônia.

PLANO DE AULA

Objetivo específico:

Discutir a imposição cultural dos portugueses para com os nativos, quanto ao vestuário, alimentação e uma concepção de trabalho singular.

Conteúdo:

- Visão europocêntrica: "Sem lei, sem fé e sem rei"- índio visto como preguiçoso e sem pudor.
- Troca de experiência cultural.

Metodologia:

A metodologia empregada será através de aula expositivo-dialogada e utilização de texto mimeografado.

Avaliação:

A avaliação será contínua, através de palavras geradoras, pedir aos alunos para fazerem uma frase ou um pequeno texto.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5^a Turma: "H"

Carga Horária: 50 Min

Tema: A busca dos portugueses por mais riquezas

Título: Retirada do pau-brasil

PLANO DE AULA

Objetivo específico:

Mostrar como a exploração do pau-brasil foi o início da destruição de nossas matas e, quais as estratégias usadas pelos portugueses para introduzir o índio no trabalho.

Conteúdo:

- Início da devastação da mata brasileira.
- A mudança de trabalho para o modo disciplinar.

Metodologia:

A metodologia empregada será a aula expositivo-dialogada, utilizando texto mimeografado, quadro para giz, giz. Utilizar-se-á um método retrospectivo.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados pela participação em sala e através da produção de frases sobre o assunto da aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° E 2° GRAU
"ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA"

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Turma: "H"

Carga Horária: 50 Min

Tema: A busca dos portugueses por mais riquezas

Título: A cana-de-açúcar e a escravidão negra.

PLANO DE AULA

Objetivo específico:

Perceber as necessidades políticas, econômicas e culturais que levaram os portugueses a cultivar a cana-de-açúcar, analisando-as a partir dos conceitos de tática e estratégias.

Conteúdo:

- O declínio do Pau-brasil: a introdução do cultivo da cana-de-açúcar como uma estratégia para o desenvolvimento de uma colonização.

- A utilização do trabalho compulsório como resultado de uma mentalidade retrógrada: pontuar as manifestações culturais dos escravos, incorporados pela sociedade brasileira.

Metodologia:

A metodologia empregada será aula expositivo-dialogada, texto mimeografado, quadro para giz e giz. Utilização de uma citação para analisar e discutir na sala de aula.

Avaliação:

A avaliação será através de um exercício escrito e de outro oral.

Bibliografia das aulas de Brasil

- ARRUDA, José Jobson - História Integrada (Da Idade Média ao Nascimento do Mundo Moderno); Vol II Ed. Ática, 1996.
- CÁCERES, Florival. História do Brasil; Ed. Moderna, 1ª edição, 1994, São Paulo.
- GOMES, M. Pereira - Os Índios e o Brasil. Editora Vozes - 2ª edição 1991.
- HERMIDA, Borges - História do Brasil - Colônia. Editora FTDSA. São Paulo.
- HOLANDA, S. Buarque; Experiência e Fantasia. 5ª edição, ed. Brasiliense. São Paulo 1992.
- MOTA, C. Guilherme. História e Civilização. O Brasil Clônia. Editora Ática, 2ª edição. São Paulo 1995.
- PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Volume I. Ed. Ática, 1ª edição, São Paulo 1996.
- SILVA, F. de Assis. História Geral Moderna e Contemporânea. Editora Moderna, 1994. SP. 3ª ed. Rev. e atualizada.

Anexo 2

Textos

Escola Estadual de 1° e 2° Grau
Ademar Veloso da Silveira.

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

A visão do outro

O final do século XV e, início do século XVI, o mundo passava por várias transformações culturais, econômicas, políticas e religiosas, ou seja, diferente do medieval em que todas as explicações era através da ação do "divino" (Deus), o mundo moderno se guiava pela razão, isto é, o homem era o centro do mundo.

A partir desse contexto, a ciência estava começando a se desenvolver e, com isso sentiram a necessidade da utilização da bússola, do astrolábio e o aperfeiçoamento das grandes caravelas. Muitas fantasias que os europeus tinham sobre o mundo, foram sendo modificadas através dessas transformações ocorridas nesse século, ou seja, houve uma mudança de mentalidade a medida que foram sendo "descobertas" novas terras, na medida que os valores foram sendo questionados.

Para alguns historiadores, a chegada dos europeus à América foi um "descobrimento", para outros, um "encontro". Essa discussão é levantada uma vez que, quando os europeus aqui chegaram já haviam comunidades com sua própria cultura (costumes, valores, religião, alimentação e vestuário).

Os europeus aqui chegando, queriam comparar a nova terra com um paraíso terrestre, isso porque eles ainda estavam presos as explicações divinas, caracterizando assim um período de transformações. Com isso, os habitantes encontrados nessa terra foram comparados com Adão e Eva e, a própria natureza, ou seja a fauna e a flora, deram a imaginação de estarem num paraíso.

Esse primeiro contato, levou a construção dos europeus à imagem do outro, como povos não "civilizados" e imorais. Isso porque, aqui chegando eles encontram comunidades que viviam diferentemente deles com seu modo de vestir, com sua religião, seu habito de alimentar e o seu modo de trabalho.

Bibliografia:

- HOLANDA, S. Buarque; Experiência e fantasia; 5ª edição, ed. Brasiliense, São Paulo - 1992 (p.1114)
- MOTA, C. Guilherme; História e civilização- O Brasil Colônia- Editora Ática, 2ª edição - 1995.

Escola Estadual de 1° e 2° Grau
Ademar Veloso da Silveira.

Disciplina: História do Brasil.

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

Contrastes Culturais

Aqui chegando, os europeus encontraram habitantes que possuíam um modo de vida particular, ou seja, uma característica própria de se organizarem em comunidade, comodos de trabalho, hábitos alimentares, religião e vestuário.

Os nativos que aqui viviam levavam uma vida nômade, ou seja, trabalhavam em determinadas áreas e trabalhavam a terra até o solo, quando esta ficava fraca, eles mudavam para outra região onde encontrassem água e um solo melhor, isso acontecia porque eles viviam da caça, pesca e agricultura.

Eles viviam em aldeias, formadas por ocas e, organizadas de uma maneira que deixassem um espaço central para seus rituais religiosos e festivos. Nessas ocas eles viviam em completa liberdade em contato direto com a natureza, não existindo maldade no seu modo de viver, o nu não passava de um hábito de vida, sendo uma coisa normal; quem via como uma coisa feia e maliciosa era o branco cheio de preconceito.

Diferentemente dos índios os europeus acreditavam que eram povos civilizados capazes de levar o progresso para todos os povos. Achavam que eram o dono da verdade, acreditando que o cristianismo era capaz de livrar os povos das trevas, impondo assim essa religião, seus costumes e valores a todos os nativos.

No encontro dessas culturas houve surpresas, tanto dos europeus como dos nativos. Para os europeus aquele modo de viver dos nativos, deixava muito a desejar, consideravam-no pessoas "barbaras", "inferiores" e, sem cultura, eram povos "exóticos".

Já para os nativos não foi diferente, aquelas pessoas vestidas invadindo suas terras, despertaram o medo e curiosidade dos objetos e das pessoas até então desconhecidas.

Bibliografia

GOMES, M. Pereira - Os Índios e o Brasil - Editora Vozes
- 2ª Edição - 1991.

MOTA, C. Guilherme. História e Civilização - O Brasil
Colônia Editora Ática. 2ª Edição - 1995 - São Paulo.

Escola Estadual de 1° e 2° Grau
Ademar Veloso da Silveira.

Disciplina: História do Brasil.

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

Costumes Indígenas

Quando os portugueses aqui chegaram, o Brasil era habitado por centenas de povos indígenas, organizados em comunidade e em equilíbrio com a natureza.

Esses povos possuíam uma cultura singular, ou seja, entre os índios não havia ricos e pobres, a terra pertencia a todos e a natureza fornecia-lhes o sustento: caça, pesca e frutos silvestres (jabuticaba, maracujá, caju), plantavam batata doce, mandioca para fazer farinha e milho, que comiam assado ou cozido. Na aldeia o homem e a mulher tinham funções definidas, o homem preparava a terra para o plantio, derrubando e queimando a mata, construía as choupanas, caçava, pescava, guerreava e ainda ensinava ao seu filho a manejar o arco. A mulher cuidava das crianças menores, fazia o plantio e a colheita, fabricava os objetos de cerâmica e preparava os alimentos e a bebida fermentada, feita de mandioca, milho ou caju.

Em relação a guerra, os grupos indígenas lutavam para defender suas terras. Como a terra era fonte de todos, os recursos indispensáveis à sobrevivência dos índios, ela constituía seu bem supremo.

No entanto, a partir de 1530 aproximadamente, os índios começaram a lutar pela defesa desse patrimônio contra o inimigo que tinha a vantagem sobre eles de conhecer e dominar as armas de fogo: os portugueses.

Nesse período, não só a arma de fogo foi fatal para os índios, no contato com o branco muitos foram vitimados por doenças que até então desconheciam como a varíola, tuberculose, malária e também introduziram hábitos nocivos como o consumo de bebidas alcóolicas.

Diante dessa maneira tão diferente de viver, os portugueses começaram a criar estratégias para tentar mudar esses costumes, ou seja, através de um discurso religioso foi

passado para o índio a idéia que o nu era pecado e o certo seria cobrir seu corpo.

Como também, foram utilizadas como estratégias, a troca de objetos, que induziam os índios a mudança de seus hábitos, por exemplo, utilização de espelhos, pentes, contas para fazer colares, panelas de aço, sapatos, roupas e chapéus.

Diante dessas estratégias, os índios foram mudando sua forma de alimentação, ou seja, antes eles viviam comendo raízes, frutas, peixe e caça, em contato com o branco aprenderam a cultivar a cana-de-açúcar, arroz e, também uma mudança no habito de trabalho e na religião.

Portanto, diante do que vimos no texto, percebe-se que houve uma tentativa de mudança pelos portugueses em relação aos costumes indígenas, mas apesar de toda essa imposição houve resistência do índio em preservar sua cultura.

Bibliografia

- ARRUDA, José Jobson - História Integrada (da Idade Média ao Renascimento do Mundo Moderno); Vol. II - ed. Ática, 1996.
- HERMIDA, Borges - História do Brasil - Colônia - Editora FTD S.A. - São Paulo.
- PILETTI, Nelson e Claudino - História e Vida - Volume I - Ed. Ática - 1ª Edição - São Paulo, 1996.

Escola Estadual de 1° e 2° grau
Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

Troca de Cultura

Com a chegada dos portugueses no Brasil, os primeiros contatos com os índios podem ser considerados "pacífico", isso porque neste momento o interesse dos portugueses foi familiarizar-se com a terra, descobrir suas riquezas e tentar entender esses grupos tidos "estranhos" para eles. Até este momento os índios eram considerados "bons selvagens", mas a partir de 1530, com o início do processo de colonização ficou claro que o objetivo dos portugueses era outro, ou seja, tomar as terras dos índios para plantar e retirar suas riquezas.

Para isso necessitavam de trabalhadores, e neste caso os índios foram os primeiros a serem escravizados, onde foram obrigados a toda uma mudança do seu ritmo de trabalho.

Os índios que não estavam acostumados ao trabalho compulsório (obrigatório) começaram a resistir contra esse ritmo de trabalho, como por exemplo: eles fugiam, suicidavam-se e matavam os invasores.

Diante dessa resistência os portugueses criaram a idéia de índio preguiçoso, sem lei porque eles viviam em liberdade e não obedeciam as regras e normas como os portugueses; sem rei porque não tinha nenhum governo para impor as regras e, sem fé porque eles não conheciam a religião católica.

Mas como já vimos, os índios possuíam seus costumes próprios, em que a liberdade era algo essencial para sua sobrevivência e, mesmo que ele tivesse um governo com características européias eles tinham seu chefe e, em relação a religião, eles possuíam e cultuavam seus deuses.

Quanto ao trabalho eles tinham toda uma rotina em que tiravam algumas horas do dia para fazerem suas atividades, tais como: caçar, plantar e pescar, como também ter sua hora de lazer, isso porque o índio não tinha a mentalidade do europeu de trabalhar para obter lucro, pois eles trabalhavam unicamente para a subsistência, ou seja, trabalhavam para sua subsistência.

A partir desse contexto, não podemos esquecer do processo de aculturação que ocorreu entre europeus e nativos.

Os portugueses assimilaram alguns processos indígenas, como por exemplo, a utilização da rede para dormir, o fumo, a mandioca, o milho e a farinha. Já os nativos foram obrigados a utilizar roupas, a seguir a religião católica, a beber bebidas alcoólicas e ao trabalho compulsório.

Portanto, a cultura brasileira atualmente é uma mistura de todos esses costumes em que podemos observar essas características nos nomes de pessoas, cidades, rios, na alimentação e na agricultura.

Bibliografia

MOTTA, C. Guilherme; LOPES, Adriana. História e Civilização. O Brasil colonial. Ed. Ática. 2ª edição 1995. São Paulo.

PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. I. Ed. Ática. 1ª edição 1995. São Paulo.

Escola Estadual de 1° e 2° grau
Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

A influência dos jesuítas na educação colonial

O cristianismo europeu teve um papel importante na conquista da nova terra e na dominação cultural dos índios no período colonial.

Sua característica principal era seguir os ensinamentos de Jesus Cristo e era e é governada pelo Papa.

Mas, aqui chegando, os portugueses encontraram os nativos acreditando em vários deuses ligado a natureza e suas cerimônias religiosas eram chefiadas pelo Pajé que tinha grande influência sobre o grupo.

Numa visão europocêntrica de que a religião católica é a verdadeira e única, os portugueses juntamente com os jesuítas introduziram os ensinamentos católicos com a intenção de converter os índios ao cristianismo e assegurar o domínio da igreja católica na "nova terra".

Como passo inicial formaram uma rede de ensino, como escolas, colégios e seminários, pois à igreja o papel de agente educacional e cultural que se desenvolveu nos aldeamentos e missões e, através dessas, os religiosos criaram uma língua geral para promover a catequese, tomando como base o tupi, tentando transpor para a língua indígena a mensagem católica; por exemplo: O Deus Tupã, relacionado ao poder dos trovões, passava a representar o Deus católico, os rituais de culto aos mortos expresso em cantos, danças e transe, que ligavam o indígena ao passado de sua comunidade, eram agora tratados como malignos e diabólicos.

Portanto, uma das estratégias utilizadas pelos jesuítas para mudar esses costumes foi a utilização do teatro, em que os jesuítas representavam a luta do bem contra o mal, da palavra de Deus contra o demônio desses rituais.

Essas estratégias utilizadas pelos jesuítas no período colonial para a catequização dos índios foram fundamentais no processo de destribalização, ou seja, a perda de suas características próprias, isso porque os padres ensinavam aos índios que a religião católica é a única verdadeira, que eles deviam seguir seus ensinamentos, que eles deviam seguir os costumes europeus. Assim os padres defendiam a superioridade dos europeus e a submissão dos índios, isso facilitava o trabalho de conquista dos colonizadores.

Bibliografia

- MOTTA, C. Guilherme; LOPES, Adriana. História e Civilização. O Brasil Colonial. Ed. Ática.
- PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. I. Ed. Ática. 1ª edição. SP 1996.
- TELECURSO 2000. 2º grau - História do Brasil. Vol. I. Ed. Globo. São Paulo.

Escola Estadual de 1° e 2° grau
Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

Retirada do pau-brasil

Em aulas anteriores vocês viram que a Europa no século XV e XVI passava por grandes transformações; através do fortalecimento do Estado, do avanço das atividades comerciais, da nova mentalidade e das grandes navegações.

Nesse período o comércio era a atividade mais importante, essa prática econômica era conhecido como mercantilismo. A principal preocupação do Estado moderno era o desenvolvimento das atividades comerciais, que eram a base da economia da época. Um dos pontos chaves da política mercantilista, foi a conquista e exploração das terras do "novo" mundo e, isso proporcionam enormes lucros as classes dominante da Europa Ocidental.

Os Portugueses que aqui chegaram começaram a explorar as suas riquezas, em princípio a comercialização do pau-brasil, por ser uma madeira que tinha um grande valor comercial, por sua tinta e sua madeira, além do mais esse produto era de fácil acesso. Para isso os portugueses não precisavam fazer grandes investimentos, nem passar a morar na terra. A força de trabalho utilizada seria a do índio que derrubava e contribuía no transporte desse produto. A exploração em grande quantidade durou apenas três anos. Nesse período teve a devastação de nossas matas, prática utilizada até hoje.

Foi a partir desse momento que começou a devastação das nossas florestas, pois os portugueses só pensavam em lucro, em detrimento do que poderia acontecer com o clima, com o solo, com a natureza, com a seca, com as enchentes, e com o empobrecimento do solo. Estes fatores, que são que são considerados por muitos naturais ocorrem em decorrência da falta de respeito pela natureza.

Com a exploração do pau-brasil, os índios também passaram por mudanças nos seus valores e costumes, foram forçados a se acostumar ao ritmo de trabalho diferente e nesse momento o índio começava a ser aculturado. Para isso os portugueses usaram várias estratégias, tais como troca de "Escambos", ou melhor, trocas de objetos por trabalho. A religião também foi uma estratégia usada pelos portugueses, em que usavam o discurso de que quem trabalhava recebia por recompensa a salvação. Outro recurso utilizado através da religião era o medo. Este era perceptível através das encenações teatrais, em que aparecia Jesus crucificado. A educação também foi uma prática utilizada por eles. Nela, o trabalho e a religião indicavam uma nova forma de vida, com valores morais diferente da dos indígenas. Pois como já vimos o índio tinha o seu modo próprio de viver e estava acostumado a um trabalho com duração de poucas horas, sem ter hora determinada por outras pessoas, e praticamente sem se preocupar com o lucro.

Bibliografia

- MOTTA, C. Guilherme; LOPES, Adriana. História e Civilização. O Brasil Colonial. Ed. Ática. 2ª edição. 1995, São Paulo.
- PILETTI, Nelson e Claudino. História e Vida. Vol. I. Ed. Ática. 1ª edição. São Paulo. 1996.

Escola Estadual de 1° e 2° Grau
Ademar Veloso da Silveira.

Disciplina: História da Paraíba.

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

**Tema: Ocupação e conquista da Paraíba pelos
holandeses.**

**Título: Estratégias e alianças holandesas para
conquistar a Paraíba.**

Com a morte de D. Sebastião rei de Portugal, subiu ao poder o cardeal D. Henrique que faleceu sem deixar herdeiro, subindo ao poder Felipe II monarca espanhol (1580).

Portugal e Holanda nesse período mantinham relações comerciais. A Espanha dispoñdo da soberania portuguesa, pôs fim a essas relações comerciais impondo restrições à Holanda.

Em contrapartida a aristocracia holandesa funda nas Américas a companhia das Índias ocidentais, exemplo do que já existia no oriente e desse modo resolve invadir a colônia (Brasil), o seu alvo era o "Nordeste". Por ser uma região própria para o plantio da cana-de-açúcar, cujo produto tinha comercio certo na Europa e proporcionava lucros altos.

Em principio ocuparam a Bahia, sede do governo, mas seus moradores sob a liderança do bispo Dom Marcos Teixeira usaram de estratégias para expulsar os holandeses através da aliança entre: Igreja, Senhores de engenho, índios aculturados, brancos pobres e escravos, juntando essas forças em luta pelo "inimigo comum". Conhecendo bem a região, os luso-brasileiros isolaram os holandeses em Salvador, chegando a expulsá-los.

A Paraíba sustentou a defesa contra os holandeses, através do esforço e coragem de sua gente, durante mais de oito anos (1625 à 1634), sendo dominada somente depois de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

Depois de dominar os dois estados vizinhos, Pernambuco e Rio Grande do Norte, ficou mais fácil para os holandeses dominar também a Paraíba cercando por terra e por mar.

Outra estratégia utilizada pelos holandeses foi a aliança que fizeram com os índios Potiguaras e desse modo, conseguiram informações detalhadas dos moradores daquela capitania. Ainda como estratégia os holandeses motivados pelo auxílio prestado por parte dos índios potiguaras, residentes na Baía da Traição, enviaram índios para visitar a Holanda, como foi o caso de Pedro Poti.

Nesse Período os holandeses estavam recebendo reforços da Holanda e uma grande ajuda de Calabar, com isso foi possível ocupar e conquistar a Paraíba.

Com a notícia da chegada dos holandeses a cidade de Filipéia, os povos que aqui viviam usaram estratégias de resistência, ou seja, Antônio de Albuquerque Maranhão usou a guerrilha, como também fez alianças com os índios, os moradores saquearam armazéns, colocaram fogo nas lavouras e finalmente fugiram para o interior levando ou destruindo tudo que podiam, como forma de resistência a invasão Holandesa, em outras palavras, uma estratégia para não deixar nenhum resultado do trabalho dos que aqui viviam.

Quanto aos holandeses, deixaram experiências positivas em nossa terra que vieram enriquecer a nossa cultura. Eles foram responsáveis por mudanças nos costumes dos nativos, como por exemplo: a introdução da carne de gado nos nossos hábitos alimentares, incentivo ao plantio de subsistência, além disso foram responsáveis pelo estudo sobre a nossa região e introduziram a agricultura e a pecuária em solos mais adequados.

(1) Pertencia ao exercito Português.

Bibliografia

- ALENCAR, Francisco, CARPI Lúcia, RIBEIRO Marcos venício: In História da Sociedade Brasileira. Editora ao Livro Técnico, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1994.
- ALMEIDA, Horácio de História da Paraíba, Editora Universitária/UFPB, João Pessoa 1978.
- MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso: Pequena História da Paraíba, Editora Universitária/UFPB, João Pessoa, 1980.
- OCTÁVIO, José: História da Paraíba, Editora Universitária/UFPB, 2ª Edição, 1990.

Escola Estadual de 1º e 2º Grau
Ademar Veloso da Silveira.

Disciplina: História da Paraíba

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

Tema: Consolidação da conquista da Paraíba pelos holandeses.

Título: Estratégias utilizadas para consolidar a conquista holandesa.

Como foi mostrada na aula anterior várias tentativas de ocupação dos holandeses foram realizadas na Paraíba, porém grande era resistência dos espanhóis, negros, portugueses e de algumas tribos indígenas.

Para conseguir o seu objetivo, ou seja, a consolidação da Paraíba, os holandeses tiveram que utilizar de várias estratégias, uma delas foi a aliança com os índios Potiguaras e também com negros fugitivos. Nesse momento grande foi a ajuda de Calabar, mudando os rumos das lutas, ampliando a penetração holandesa e recuando a resistência brasileira. Ele era militar português e chegou a ser major do exercito holandês, sendo considerado pelos espanhóis como traidor, hoje alguns historiadores levantam dúvidas sobre o comportamento de Calabar. Será que Calabar não podia fazer oposição e escolher seus dirigentes.

Com essas alianças os holandeses tinham do seu lado pessoas que conheciam bem a região e os costumes dos seus povos. Com essa aliança com os índios, o índio Pedro Poti foi levado para a Holanda, para estudar e aqui voltando foi de grande utilidade para os holandeses.

Em troca dessa aliança os holandeses estabeleceram relacionamento com os índios que permitiram sua liberdade através da liberdade de culto, da liberdade de expressar politicamente, mas ao modo holandês, chegando até mesmo alguns índios a assumir alguns cargos na administração holandesa.

Muitas vezes os índios também faziam aliança com holandeses em defesa de algumas tribos inimigas.

Também foram feitas alianças com os judeus onde os holandeses procuravam apoiar e incentivar a sua imigração.

Os flamengos procuraram estratégias e formas de alianças como garantia para aqueles que lhes apoiassem. Aos senhores de engenho concediam empréstimos a preços baixos, para reerguer os seus engenhos que foram danificados nas "guerrilhas", estratégia para garantir o mercado comercial de seus produtos. Ainda davam incentivos e ajudavam a importação de escravos, pois o número de cativos estava reduzido devido as epidemias que haviam acontecido, essa mão-de-obra era considerada por eles necessária para o cultivo da cana-de-açúcar. Para evitar as revoltas ao trabalho compulsório, os holandeses concederam aos escravos o "dia de descanso".

Já para os nativos havia uma grande desconfiança: eles temiam em perder as suas terras, tinham medo de serem escravizados, não queriam perder a sua identidade, ou seja, os seus valores, seus costumes sua cultura mesmo assim percebiam que novos valores culturais estavam sendo incorporados.

Era grande o desejo de resistência dos nativos, para isso utilizaram as estratégias para isolar o inimigo através da danificação dos engenhos pelos proprietários, da queima de canaviais, das interferências na safra açucareira e também de guerrilha como fator de resistência.

Bibliografia

- ALMEIDA, Horácio de: História da Paraíba, Editora Universitária/UFPB, João Pessoa, 1978.
- MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso: Pequena História da Paraíba, Editora Universitária/UFPB, João Pessoa, 1980
- OCTÁVIO, José: História da Paraíba, Editora Universitária/UFPB, 2ª Edição, 1990.

Escola Estadual de 1° e 2° Grau
Ademar Veloso da Silveira.

Disciplina: História da Paraíba

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

Contribuições dos holandeses para a cultura paraibana

Apesar da grande destruição que aconteceu no momento em que os holandeses ocuparam a Paraíba, eles deixaram importantes contribuições. Estas deve-se principalmente aos relatórios que falavam com entusiasmo da fertilidade da terra, de suas enormes arvores e dos saborosos frutos que aqui foram encontrados. Tais relatórios ainda são usados até hoje como documento de época.

Várias foram as suas contribuições como por exemplo o estudo do solo adequado para a agricultura. Nesse momento foi introduzido novas plantações em grande escala com a finalidade de exportação, como por exemplo: o fumo e o algodão, antes cultivados só para o consumo local. Também foi introduzido ao lado dessas culturas o plantio da agricultura de subsistência.

Foi incentivado a criação de gado para o consumo de carne, criando assim novos hábitos alimentares, como também a carne de cobra e de carneiro. Antes era usado a caça e a pesca como alimentos.

Os holandeses usaram como estratégia de dominação a liberdade de culto, pois antes só era tido como oficial a religião católica, pois os índios eram considerados pelos europeus como pessoas que não tinham religião. Ao negro também era proibido cultuar seus deuses, e fazer seus cultos. Com a chegada dos holandeses também era introduzido na colônia outros valores religiosos: o calvinismo.

Houve tolerância política na administração facilitando a participação de proprietários e até índios nas câmaras dos municípios, deixando como herança para nós um exemplo de uma política participativa.

Mesmo incentivando o trafico da mão-de-obra africana para o cultivo da cana-de-açúcar, os holandeses introduziram o dia "de descanso" para os escravos, com essa

atitude eles mostravam um pouco de "respeito" aos escravos, antes visto pelo europeu como uma maquina que não precisava de descanso, também eram vistos como mercadoria que seria comprado nas feiras livres, pelos senhores.

Bibliografia

- ALMEIDA, Horácio de: História da Paraíba, editora Universitária/UFPB, 2ª edição, João Pessoa, 1978.
- MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso: Pequena História da Paraíba, Editora Universitária/UFPB, João Pessoa, 1980.
- OCTÁVIO, José: História da Paraíba, Editora Universitária, UFPB, 2ª edição, 1995.

Anexo 3

Exercícios e prova escrita

Escola Estadual de 1° e 2° Grau
Ademar Veloso da Silveira.

Disciplina: História da Paraíba

Estagiária: Maria Goretti Guedes Fernandes

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Série: Turma: Turno:

Prova escrita

1°) Quais foram as estratégias utilizadas pelos holandeses para invadir a Paraíba?

2°) Quais as alianças feitas pelos moradores da Paraíba para expulsar os holandeses?

3°) Cite algumas estratégias utilizadas pelos holandeses para consolidar o seu domínio.

4°) Na sua opinião, quais os incentivos que os holandeses utilizaram na agricultura e suas contribuições para a atualidade.

5°) Comente essa frase:

"Os holandeses usaram como estratégia de dominação a liberdade de culto, pois antes só era tida como oficial a religião católica, pois os índios eram considerados pelos europeus como pessoas que não tinham religião..."

Boa Sorte.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História da Paraíba

Estagiária: Lígia Mª Pereira da Silva e Maria Gorete Fernandes

Aluno(a): Luciene Hauvel Nº 29

Série: 1º Turma C Turno: noite Data: 04/06/9

8,5.

- 1º) Quais foram as estratégias utilizadas pelos Holandeses para invadir a Paraíba?
- 2º) Quais as alianças feitas pelos moradores da Paraíba para expulsar os Holandeses?
- 3º) Cite algumas estratégias utilizada pelos Holandese para consolidar o seu domínio.
- 4º) Na sua opinião, quais os incentivos que os Holandeses utilizaram na agricultura e suas contribuições para a atualidade.

Comente essa frase:

- 5º) "Os holandeses usaram como estratégias de dominação a liberdade de culto, pois antes só era tida como oficial a religião católica, pois os índios eram considerados pelos europeus como pessoas que não tinham religião"...

Boa Sorte.

2,0 "Respostas"

1) Os holandeses fizeram alianças com os índios potiguara, cercaram a Paraíba por terra e por mar. Enviaram índios para visitar de...
Os holandeses tinham acampamento próximo da Holanda e uma grande ajuda de Bahabar.

2) A Paraíba sustentou a desconfiança entre os holandeses, através do exército e coragem de sua gente. Também através de igrejas, senhores de engenho, brancos pobres e escravos,

1º Estratégias e alianças com os índios Potiguaras, negros fugitivos e colábar que opitou e ajudou os portugueses. e tinham as senhoras de engenhos garantias, fiscais e os impostos, estratégia de garantir o mercado comercial de seus produtos, incentivos na exportação de escravos eles deram aos escravos um dia de descanso por semana; Os holandeses tiveram que utilizar várias estratégias para consolidar a Paraíba.

2º Os ^{1º} moradores sob a liderança do bispo Dom Marcos Teixeira ^{usaram} estratégias para expulsar os holandeses através de alianças entre a igreja, senhoras de engenhos, índios aculturados, brancos pobres e escravos, formando essas forças em luta pelo inimigo comum.

3º - Em troca dessa aliança os holandeses estabeleciam relacionamentos com os índios que permitiam sua liberdade de culto. Tais os senhoras de engenhos prometeram garantias fiscais e impostos, deram também aos escravos um dia de descanso por semana e estratégia de garantir o mercado comercial. Os senhoras tinham medo de perder os seus costumes e hábitos, indolências medo de perder suas terras e serem escravizadas e estratégias usadas pelos nativos, guerrilhas, fugas dos senhoras, saques e queima das lavouras.

4. Várias ~~estratégias~~ foram as suas contribuições como por exemplo o estudo do solo adequado para a agricultura no momento de novas plantações em grande escala com a finalidade de exportação, como por exemplo, o fumo o algodão, antes cultivado só para o consumo local, também foi introduzido no lado dessas culturas o plantio de agricultura de subsistência.

Os ^{2º} holandeses deram a liberdade de culto religioso, porque em troca eles queriam a confiança dos índios e negros e com essa confiança eles podiam dominar a terra.

Obrigado.

Respostas

1) ¹⁵ Em princípio superaram a Bahia, fizeram alianças com índios Potiguara, receberam ajuda de Calabar, aliança com negros fugitivos.

2) ¹⁵ Os nativos fizeram alianças com a igreja, os senhores de engenho que resolveram fazer guerrilhas e ainda tiraram as terras dos engenhos para espriar o entusiasmo dos holandeses, incineraram as plantações.

¹⁵ Receberam grande ajuda de Calabar, se juntaram aos negros fugitivos, aos índios Potiguara, alianças com os judeus. Incineraram os senhores de engenho concedendo empréstimos de preços baixos, ajudaram na importação dos escravos, e para evitar revoltas concediam aos escravos o "dia do descanso".

²⁰ Os holandeses incentivaram a agricultura fazendo estudos de solo e introduziram plantações de grande escala para a exportação, que antes era apenas para consumo. Na atualidade os holandeses contribuíram com novos costumes, um deles foi introduzir o canje de gado nos hábitos alimentares, incentivaram as plantas de subsistência, agricultura e pecuária em solos adequados.

¹⁵ Os holandeses usaram essa estratégia a liberdade de culto muito bem. Os índios eram reprimidos pelos europeus quando chegaram os holandeses lhes oferecendo que escolhessem sua religião, os índios se sentiram totalmente aliviados. Na minha opinião foi uma estratégia muito inteligente.

Respostas:

- 1- Uma ^{2.º} das estratégias utilizadas pelos holandeses foram as alianças que eles fizeram com os índios Potiguara e desse modo conseguiram informações detalhadas dos moradores daquela capitania. Ainda como estratégia os holandeses motivados pelo auxílio prestado por parte dos índios Potiguara residentes na Baía da Traição migraram índios para visitar a Holanda, como foi o caso de Pedro Poti. Nesse período os holandeses estavam recebendo reforços da Holanda e uma grande ajuda de labor, com isso foi possível ocupar a conquista da Paraíba.
- 2- Atrações ^{1.º} de alianças entre: Igraja, senhores de engenhos, índios aculturados, brancos pobres e escravos, juntando essas forças em luta pelo "inimigo comum", contribuindo bem a região, os lusos brasileiros isolaram os holandeses em Salvador, chegando a expulsá-los e na Paraíba?
- 3- Para conseguir o seu objetivo, ou seja, a consolidação da Paraíba, os holandeses tiveram que utilizar de várias estratégias, uma delas foi a aliança com os índios Potiguara e também com negros fugitivos. O resultado dessa aliança os holandeses estabeleceram relacionamento com os índios que permitiram sua liberdade de culto, da liberdade de expressão política, mas ao mesmo tempo holandês, chegando até mesmo alguns índios a assumir alguns cargos na administração holandesa. Muitas vezes os índios também fazem aliança com holandeses em defesa de algumas tribos inimigas. Também foram feitas alianças com os índios onde os holandeses procuravam apelar e incentivar a sua migração. E aos senhores de engenhos?
- 4- Os holandeses tiveram experiências positivas em nossa terra que veio enriquecer a nossa cultura e também a introdução da carne de gado nos nossos hábitos alimentares, incentivo ao plantio de subsistência, além disso foram responsáveis pelo estudo sobre a nossa região e introduziram a agricultura e as pecuária em solos mais adequados.

Trupestas

20

01- Cercavam a Paraíba por terra e por mar, e fizeram uma aliança com os índios Potiguara e também com negros fugitivos. O nesse momento grande foi a ajuda de Calabar mudando os rumos das lutas, ampliando a penetração holandesa e recuando a resistência brasileira.

15

02- Os ¹⁵mercadores fizeram alianças com a Igreja, os senhores de engenhos, índios aculturados, brancos, pobres e escravos, juntando essas forças em luta pelo inimigo comum. O isolaram os holandeses em Salvador chegando a expulsá-los.

03- Os ²¹holandeses estabeleceram relacionamento com os índios que permitiram sua liberdade através da liberdade de culto, da liberdade de expressar politicamente. Para os senhores de engenho eles reservaram um lugar no comércio, ajudaram nos canaviais e eles trouxeram ~~de~~ Apica alguns negros para os senhores de engenho e em troca para os negros ~~os~~ holandeses fizeram um dia de descanso.

20

04- Foi ²⁰incentivado a criação de gado para o consumo da carne, criando assim novos hábitos alimentares, como também a carne de cobra e de carneiros. O ²⁰contribuição foi o estudo de solo adequado para a agricultura, foi introduzido novas plantações em grande escala com a finalidade de exportação, como exemplo o fumo e o algodão.

15

05- Ou acho que os holandeses foram uma atitude curta, porque eles disseram que cada um poderia escolher a sua religião. Em troca eles queriam o apoio da população

01) ^{2,0} Bercearam a Paraíba por Terra e por mar, e fizeram alianças com os índios Potiguara, os negros fugitivos e com ajuda de Calabar. Os Holandeses usaram como estratégias a liberdade de culto, ~~o~~ e outros valores religiosos.

02) ^{1,5} A aliança foi feita entre, igrejas, senhores de engenhos, índios aculturados, brancos, pobres e escravos, juntando essas forças em luta pelo inimigo comum.

03) ^{1,5} Aliança com os índios Potiguara e negros fugitivos e ajuda de Calabar. Fizeram aliança com os judeus procurando apoiar e incentivar a sua imigração. Fizeram aliança com os senhores de engenhos concediam empréstimos a preços baixos para reerguer seus engenhos que foram danificados.

04) Os incentivos foram ^{1,5} Fazendo um estudo do solo e descobrindo que era bom para plantações e era uma terra fértil. Para o plantio de fumo e algodão e um plantio de agricultura de subsistência.

05) ^{1,0} Os holandeses deram a liberdade de culto, mais em troca eles queriam

Aluno: Exequias sobre de Lima. nº 12, 04/06/97.

Turma: C Turno: Noite Série 1º Data: ~~11/06/97~~

Construir um texto, a partir da palavra estratégia de
resistência.

História

Com a notícia da chegada dos holandeses a cidade de Pelipéia, os povos que aqui vivem usaram estratégias de resistência, ou seja, Antônio de Albuquerque Maranhão usou a quevilha, como também fez alianças com os índios, os moradores saquearam armazéns, colocaram fogo nas fazendas, fugiram para o interior levando tudo que podiam. Quanto os holandeses, deixaram experiências positivas em nossa terra que veio enriquecer a nossa cultura. A introdução da carne de gado nos nossos hábitos alimentares, incentivo ao plantio de subsistência, várias tentativas de ocupação dos holandeses foram realizadas na Paraíba, porém grande era a resistência dos espanhóis, negros, portugueses e de algumas tribos indígenas, os holandeses tiveram que utilizar de várias estratégias, uma delas foi a aliança com os índios Pitiguara e também com negros fugitivos. Grande foi a ajuda de Calabar, mudando os rumos das lutas, ampliando a penetração holandesa e recuando a resistência brasileira. Com essa aliança com os índios, o índio Pedro Poti foi levado para a Holanda, para estudar e aqui voltando foi de grande utilidade para os holandeses. Muitas vezes os índios também faziam aliança com holandeses em defesa de algumas tribos inimigas. Aos senhores de engenhos concediam empréstimos e preços baixos, para evitar as revoltas ao trabalho compulsório, os holandeses concedeu aos escravos o "dia de descanso". Já para os nativos eles

Escola Estadual 1ª e 2ª Grupos Ademair
Zeloso da silvicultura: Data / /
Nome: Maria Edilvete Dias Nº 34

Estratégias e Resistência

O grande desejo de resistência dos nativos para isso usavam as estratégias para isolar o inimigo através da danificação dos engenhos pelos proprietários, da queima de canaviais das interferências, na etapa de encarecimento e de guerrilha por parte de resistência esses estratégias foram usadas para garantir o mercado comercial de seus produtos.

As estratégias utilizadas para a construção da Paraíba. O holandês usavam estratégias e alianças com os índios Petiquara, negros, portugueses e também cabanos, que foi de grande ajuda.

Os flamengos procuravam estratégias e formas de alianças como garantia para aqueles que lhes aparecem.

Aula de História
Aluna: Claudia Cristina Sales nº: 05 Turma: "C"

Resumo do Texto

Estratégias e Resistências p. 1,0

Na aula anterior nós vimos várias tentativas dos holandeses, porém na grande resistência dos espanhóis, negros, portugueses e de algumas tribos indígenas.

Para conseguir a consolidação da Paraíba, os holandeses tiveram que utilizar várias estratégias, uma delas foi a aliança com os índios Potiguara e também com negros fugitivos. Mas eles tiveram a ajuda de Calabar, ele era militar português e chegou a ser Major do exército holandês, sendo considerado pelos espanhóis como traidor. Em troca dessa aliança os holandeses estabeleceram relacionamento com os índios que assim permitiam a sua liberdade através da liberdade de culto, chegando até mesmo alguns índios a assumir alguns cargos na administração holandesa.

Também fizeram alianças com os judeus onde os holandeses apoiaram e incentivaram a sua imigração. Para evitar as revoltas ao trabalho compulsório, os holandeses concedeu aos escravos o "dia de descanso".

Já para os motivos eles tinham

medo de perder as suas terras, tinham medo de serem escravizados. Mas sua grande o desejo de resistência dos nativos, para isso utilizaram as estratégias para isolar o inimigo através da danificação dos engenhos, da queima de canaviais, das interferências na safra açucareira e de guerrilha com fator de resistência.

Estratégias de Resistência

Antonio de Albuquerque Maranhão usou a guerrilha, como também fez alianças com os índios, os moradores saquearam Armazéns, colocaram fogo nas lavouras e finalmente fugiram para o interior levando ou destruindo tudo que podiam, como forma de resistência a invasão holandesa, em outras palavras, uma estratégia para não deixar nenhum resultado do trabalho do que aqui viviam.

Quanto os holandeses, deixaram experiências positivas em nossa terra que veio enriquecer a nossa cultura.

Como foi mostrada várias tentativas de ocupação dos holandeses foram realizadas na Paraíba porém grande era a resistência dos espanhóis, negros portugueses e de algumas tribos indígenas.

Para conseguir o seu objetivo, ou seja, a consolidação da Paraíba, os holandeses tiveram que utilizar várias estratégias, uma delas, foi a aliança com os índios Piliquara e também com negros fugitivos.

Aluno: Exyfeuma Beite de Lima. nº 12 04/06/97.

Assunto: C Tema: Noite Série 1º Data ~~11/06/97~~

1) Construa um texto, a partir da palavra estratégia de resistência...

1,0.

História

Com a notícia da chegada dos holandeses a cidade de Palmeira, os povos que aqui viviam usaram estratégias de resistência, ou seja, Antônio de Albuquerque Maranhão usou a guerrilha, como também fez alianças com os índios, os moradores saquearam armazéns, colocaram fogo nas fazendas, fugiram para o interior levando tudo que podiam, quanto os holandeses, deixaram experiências positivas em nossa terra que veio enriquecer a nossa cultura. A introdução da carne de gado nos novos hábitos alimentares, incentivo ao plantio de subsistência, várias tentativas de ocupação dos holandeses foram realizadas na Paraíba, porém grande era a resistência dos espanhóis, negros, portugueses e de algumas tribos indígenas, os holandeses tiveram que utilizar de várias estratégias, uma delas foi a aliança com os índios Pitiguara e também com negros fugitivos. Grande foi a ajuda de Calabar, mudando os rumos das lutas, ampliando a penetração holandesa e recuando a resistência brasileira. Com essa aliança com os índios, o índio Pedro Poti foi levado para a Holanda, para estudar e aqui voltando foi de grande utilidade para os holandeses. Muitas vezes os índios também faziam aliança com holandeses em defesa de algumas tribos inimigas. Os senhores de engenhos concediam empréstimos e preços baixos, para evitar as revoltas ao trabalho compulsório, os holandeses concedem aos escravos o "dia de descanso". Já para os nativos eles

temiam perder as suas terras, tinham medo de serem escravizados, ou queriam perder a sua identidade, os seus valores, seus costumes sua cultura, mesmo assim percebiam que esses valores culturais estavam sendo incorporados. estratégias usadas pelos nativos foram, guerrilha, fugas dos senhores, saques, queimadas das lavouras, tiravam peças dos engenhos.

Escola Estadual
de 1º e 2º
Graus

Idemar Selooso
da Silveira

Aluna: Rosilene Depina Barbosa

Nº 40.

Turma = C

Turno = Noite

Série = 1º Ano Científico

Trabalho de História
Resumo das
Apostilas

1,0.

Estratégias de Resistência

Antonio de Albuquerque Maranhão usou a quebra de alianças com os índios, os moradores saquearam armazéns colocaram fogo nas lavanderias e finalmente fugiram para o interior levando ou destruindo tudo que podiam, como forma de resistência a invasão holandesa, em outras palavras, uma estratégia para não deixar nenhum resultado do trabalho do que aqui viviam.

Quanto os holandeses, deixaram experiências positivas em nossa terra que veio enriquecer a nossa cultura.

Como foi mostrada várias tentativas de ocupação dos holandeses foram realizadas na Paraíba porém grande era a resistência dos espanhóis, negros portugueses e de algumas tribos indígenas.

Para conseguir o seu objetivo, ou seja, a consolidação da Paraíba, os holandeses tiveram que utilizar várias estratégias, uma delas foi a aliança com os índios Pitiguara e também com negros fugitivos.

Com essas alianças os holandeses tinham do seu lado pessoas que conheciam bem a região e os costumes dos seus habitantes. Com essa aliança com os índios, o índio Pedro potí foi levado para a Holanda para estudos e aqui voltando foi de grande utilidade para os holandeses.

Em troca dessa aliança os holandeses estabeleceram relacionamentos com os índios que permitiram sua liberdade através da liberdade de culto, da liberdade de expressar politicamente.

Também foram feitas alianças com os judeus onde os holandeses procuravam apoiar e incentivar a sua marginais.

Os flamengos procuraram estratégias e formas de alianças como garantia para aqueles que lhes apoiavam.

Era grande o desejo de resistência dos nativos.

Aluno: Cleber C. Souza

1) O que você acha dos europeus terem comparado "a nova terra" com um paraíso?

Eu acho que eles admiram o Brasil muito bonito e por isso eles compararam com um paraíso.

2) Na sua opinião, os portugueses descobriram o Brasil, porque?

Eu acho que os portugueses já sabiam que a aquela terra ia ter muitas riquezas por isso eles quiseram descobrir o Brasil.

3) Explique, porque os portugueses viram os índios como povos não civilizados?

Eu acho que os portugueses acharam muita riqueza porque os povos índios estavam sem roupas e seus costumes eram muito diferentes.

1715137
Kerli - 915137

Questão para melhor compreensão:

1) De que modo os portugueses estabeleceram o contato com a população indígena?

Porque os portugueses estabeleceram o contato com a população indígena de acordo com o interesse de ambos os lados. Os portugueses buscavam metais preciosos e a população indígena buscava objetos de metal e ferramentas que facilitassem o trabalho.

2) De que modo os portugueses estabeleceram o contato com a população indígena?

Os portugueses estabeleceram o contato com a população indígena de acordo com o interesse de ambos os lados. Os portugueses buscavam metais preciosos e a população indígena buscava objetos de metal e ferramentas que facilitassem o trabalho.

3) Explique: Porque os portugueses tiveram os melhores resultados com a população indígena?

Os portugueses tiveram os melhores resultados com a população indígena porque estabeleceram o contato com a população indígena de acordo com o interesse de ambos os lados. Os portugueses buscavam metais preciosos e a população indígena buscava objetos de metal e ferramentas que facilitassem o trabalho.

RICARDO

Campina Grande 08/06/97

QUESTÕES PARA MELHOR COMPREENSÃO:

1 O QUE VOCÊ ACHA DOS EUROPEUS TEREM
COMPARADO A "NOVA" TERRA COM UM PARAISO

x EU ACHO QUE NUNCA TINHA ISSO TERRA

2 NA SUA OPINIÃO OS PORTUGUESES DESECOBRIRAM
OU ENCONTRARAM O BRASIL, PORQUE?

x ENCONTRARAM POR QUE OS EUROPEUS
x DIVIDIRAM AS TERRAS

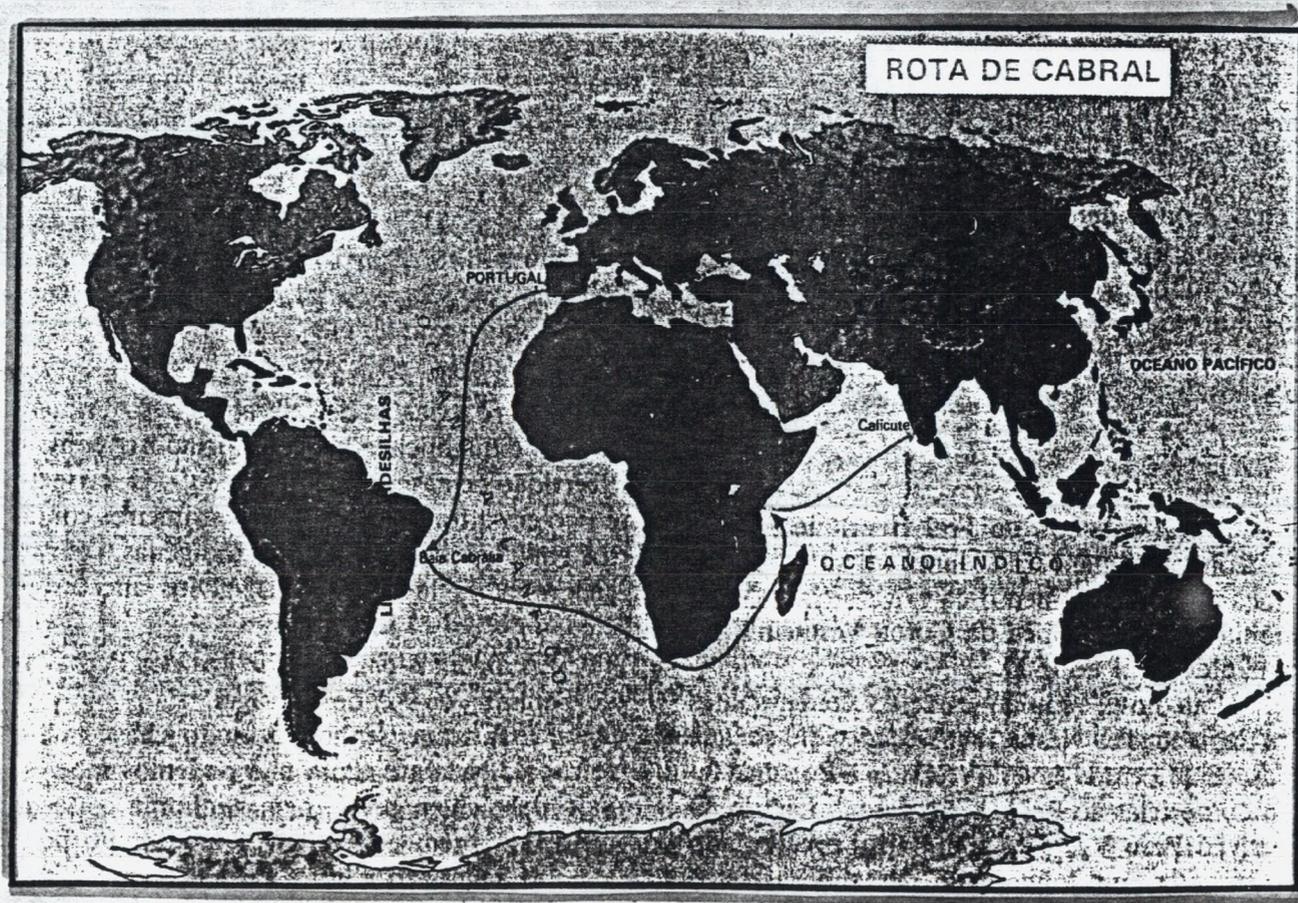
3 ESPLIQUE: PORQUE OS PORTUGUESES VIRAM
OS NATIVOS COMO POUOS NÃO CIVILIZADOS?
POR QUE ELES NÃO TINHA POUK

RICARDO

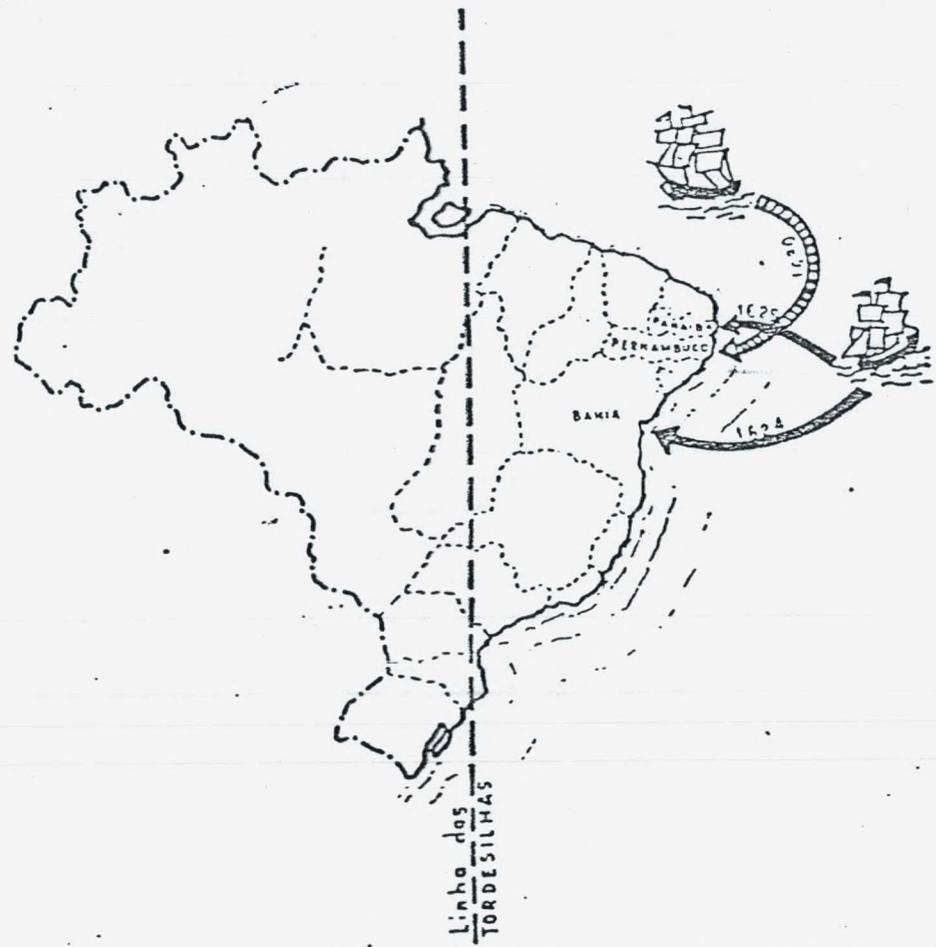
Anexo 4

Mapas

Cabral: "Descobrimentos" ou "Encontro"



Invasões Holandesas



LEGENDA

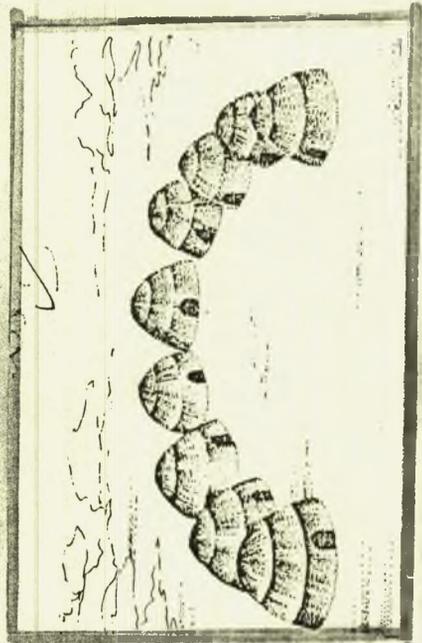
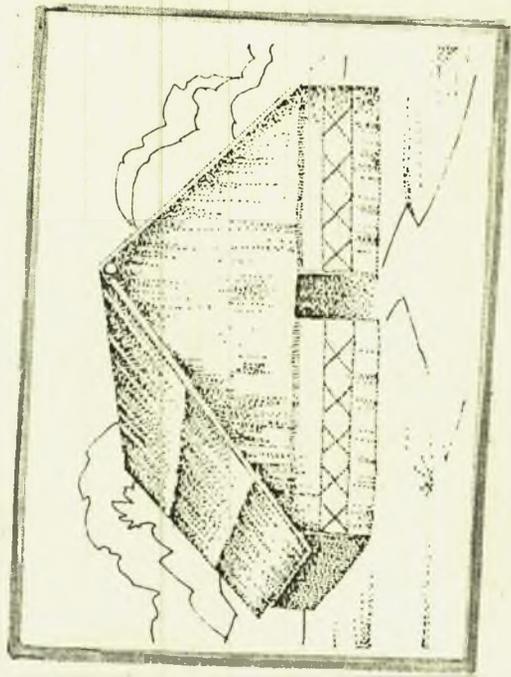
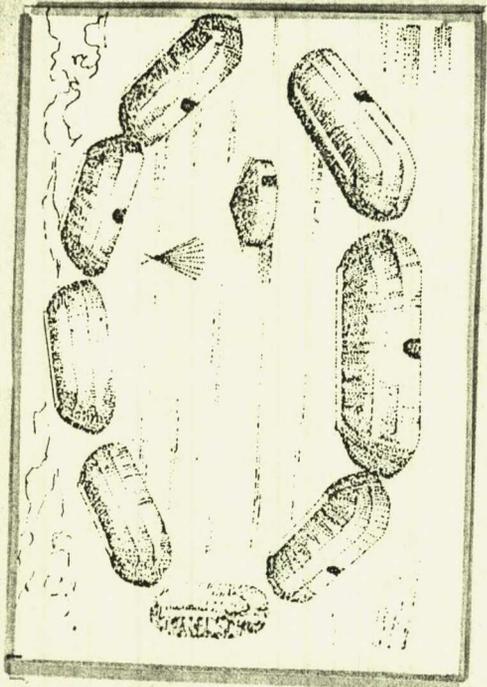
← 1ª INVASÃO HOLANDESA E PASSAGEM PELA PARAIBA

← 2ª INVASÃO HOLANDESA

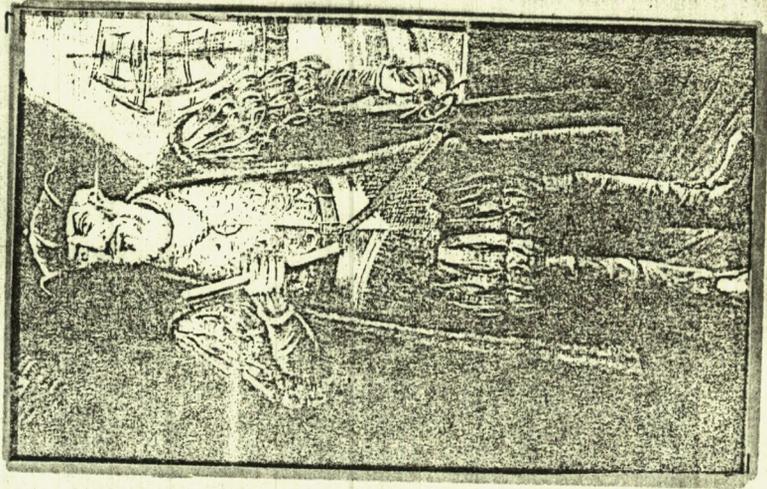
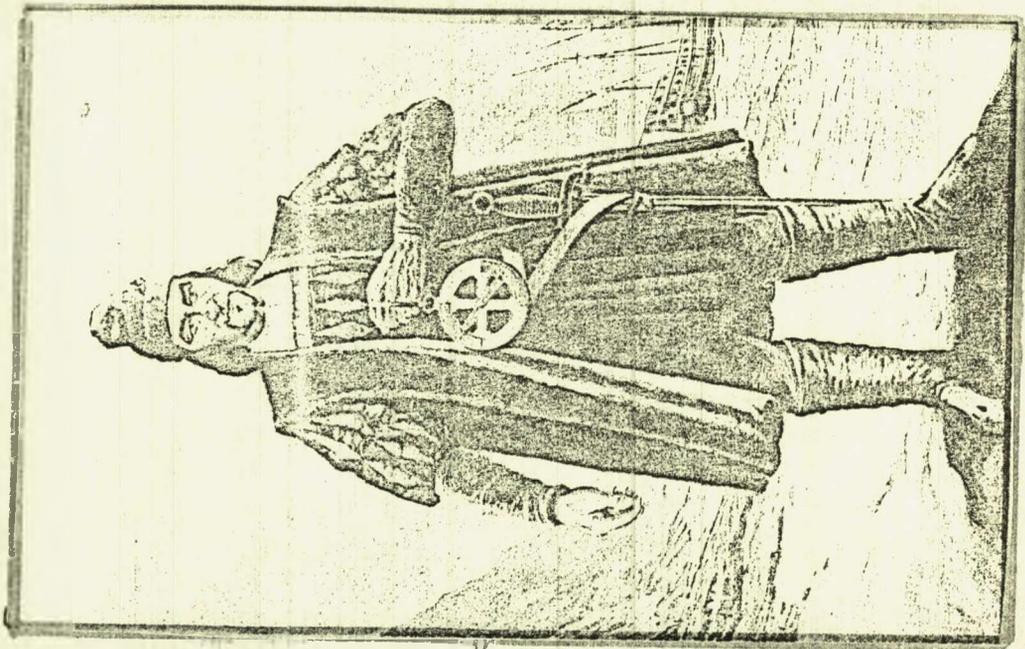
Anexo 5

Cartazes

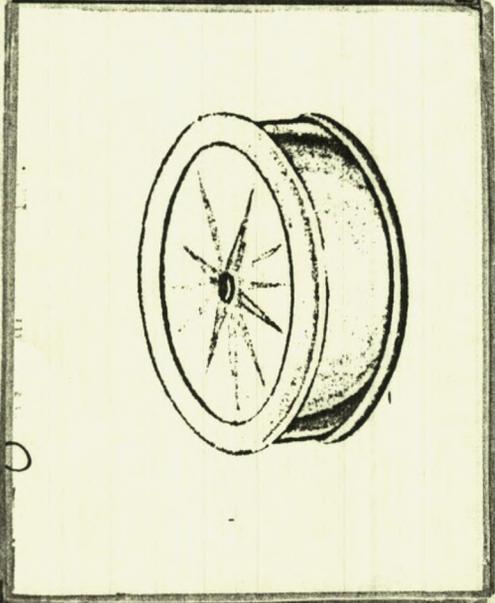
As habitações indígenas



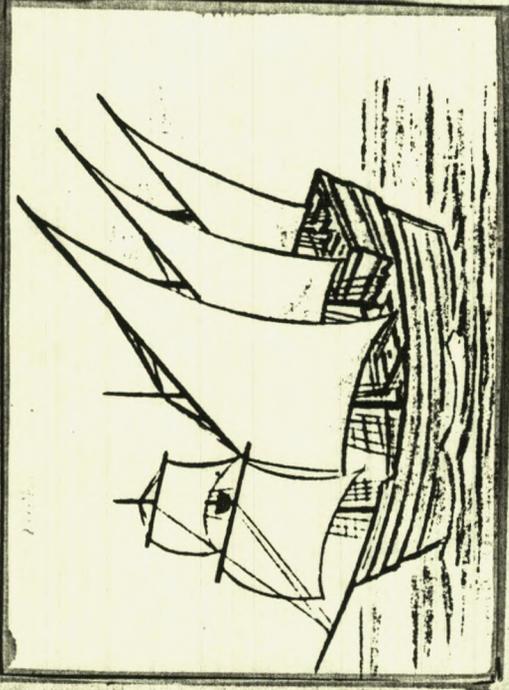
Vestuario dos Portugueses



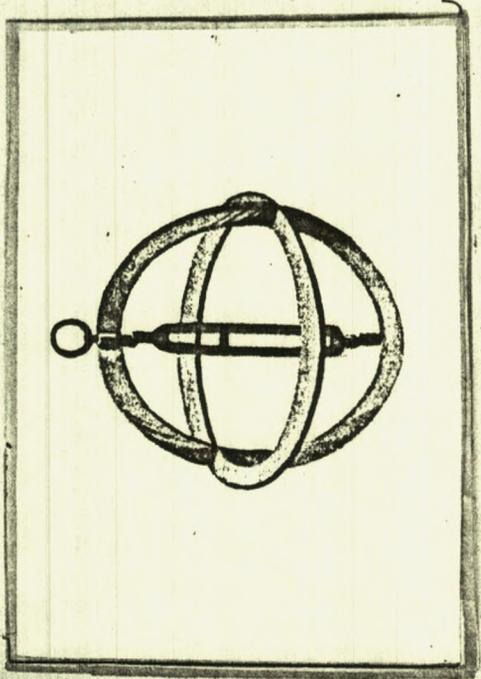
Aperfeiçoamento das técnicas



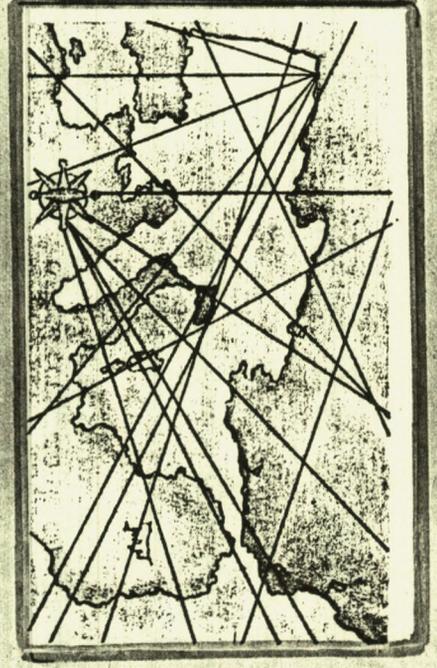
brússola



caravela

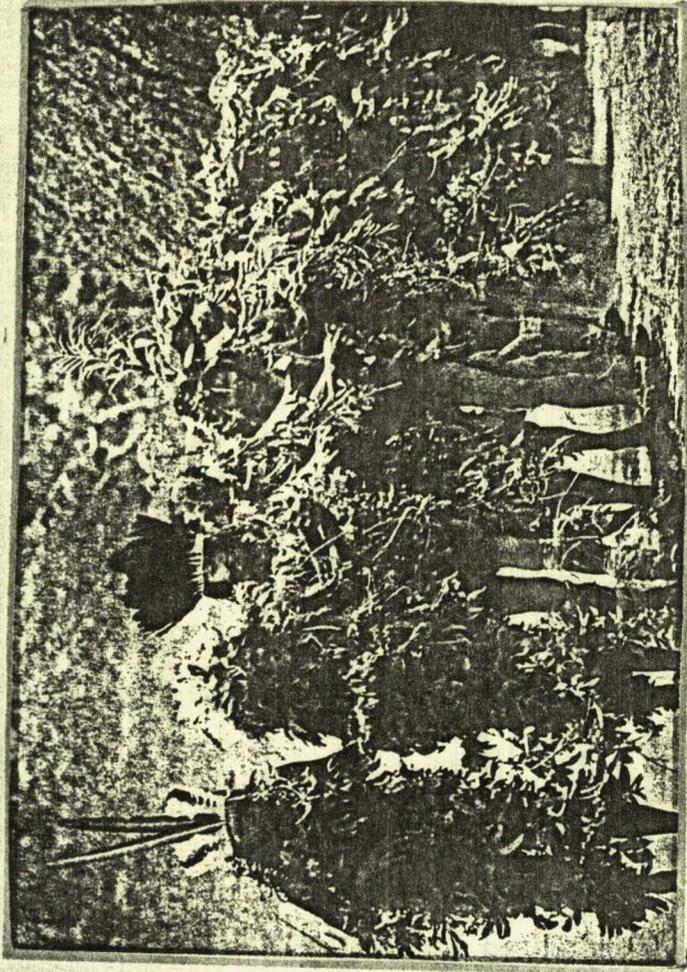


astrolábio

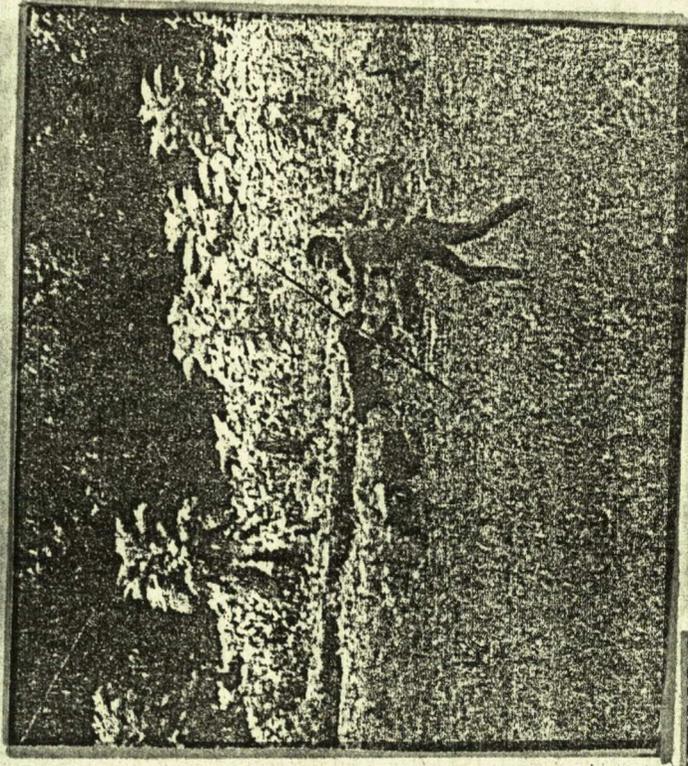


cartografia

ILUSTRACIONES da nova terra



rituais
indígenas



caça



Aproveitamento da natureza

Anexo 6

Listas de presença

Lista de presença Data: 14-05-97

Turma: C.

1ª série do 2º grau

1- Adriana Silva

2 - Adriana dos Santos Silva Nº 01

3 - Alana Dantas de Souza.

4 - Selide Francisco da Silva

5 - Claudia Cristina Sales.

6 -

7 - ~~D~~ Janina Ferreira da Silva.

8 - Editeza Melquiades dos Santos Pereira

9 - Eduânia de Aguiar Paulino

10 - Elaine Glória da Silva

11 - Erika Gisaine Leite de Lima.

12 - Eryglorina Leite de Lima.

13 -

14 -

15 -

16 - Gislaine Mendes da Cunha.

17 -

18 -

19 - Samilola Souto Cruz

20 -

21 -

22 - Jousa Nichols

23 -

24 - JOSICLEIDE F. de FARIAS

25 -

26 - Landiene Maria Sidrônio

27 - ~~Lucicleide~~ Lucicleide dos Santos Silva.

28 - Bueidalva Andrade

29 - LUCIENE MARA DA SILVA

30 - Marcela P. Rodrigues

lista de presença 04-06-97

urma C.

1ª série do 2º grau

- 1 - Laudiene Maria Sidônio - 26
- 2 - Thulda η melo nº 17
- 3 - Márcia Maria dos Santos Oliveira nº 31
- 4 - mª de Lourdes Maciel dos Santos nº 33.
- 5 - Adriana Silva Oliveira nº 02
- 6 - Marcela P. Rodrigues nº 30
- 7 - Cláudia Cristina Sales nº 05
- 8 - Giliane Mendes
- 9 - Ednânia de Aguiar Paulino
- 10 - Edileusa Belquindes dos Santos Pereira nº 8
- 11 - Elaine Oliveira dos Santos nº 10
- 12 - Aluete Santa de Souza Nº 03
- 13 Fabiana Selma B. da Silva Nº 13
- 14 Crisina Gisleine Leite de Lima nº 11.
- 15 Erydeuma Leite de Lima . nº 12
- 16
- 17 ~~Stella~~ Inês Arêlis de Souza Nº 18.
- 18 - Janira Ferreira da Silva nº 07
- 19 - Francisca Jane Barbosa Nº 14.
- 20 - Jaqueline Mª de Araújo
- 21 Celide Francisco da Silva nº 04
- 22 Jussara Michel
- 23 ~~Priscila Gomes~~
- 24 JOSICLEIDE F. DE LARIAS Nº 24.
- 25 Jussara Bernardo de Silva
- 26 Mario Fernonides de Medeiros Nº 35
- 27
- 28 Lucidalva Andrade
- 29 MUCIENE MOURA DA SILVA
- 30
- 31
- 32 Marcia Tavares de Moura
- 37º Raquel Pereira da Silva

Lista de presença = Data: 09/05/1977
5ª série H - tarde

1. FLAVIO NASCIMENTO VIRGINIO Nº 15
2. Denis do Nascimento Sales
3. José Dionizio Nº 20
4. Franclândia Oliveira de Lucena
5. Rosalândia de Sousa Santo
6. Vítor Silva Paes
9. José Gibson do Carmo
10. Elson Cavallanti de Souza
12. Suelen e Silva
13. Suzama
14. Suênia
15. RICARDO PEREIRA NOGUEIRA
16. Eriuelton Gomes Sampaio
17. Guilhem Lopes
18. Aparecida de Katima
19. Vanêlia
20. Risonick G. L.
21. Gilmaria
22. Verônica de Souza Santos
23. Jaelson M. dos Santos
24. Cristiane Monteiro Lima
24. Adrie
- Cecília OS
- Luizeteza OS

Ulisses Telis unio do Costa Nº 45
Márcia do Socorro dos Santos Nº 24